

WLADIMIR OLIVIER

# ESPELHO D'ALMA

## TRISTEZA

Igualar! Ai! Quem me dera! —  
Pois obra alguma se iguala:  
Nem a augusta primavera,  
Nem o canto da zagala,

Nem o arrufo da pombinha,  
Nem o porvir venturoso,  
Nem o traçado da linha  
De um Ângelo esplendoroso!

Nem mesmo a saudade avara,  
Nem um canto divinal,  
Nada mesmo se compara,

Nem Alencar, gênio absorto,  
À lágrima maternal  
Ao chorar o filho morto!

04.11.53.

## TRISTEZA

A vida  
convida  
a amar  
e a rir,  
chorar,  
fingir,  
comer,  
beber,  
olhar  
sem ver,  
falar  
sem saber,  
sem pensar.

Amor  
é dor;  
prazer  
sem fim  
é morrer

assim.  
Amando,  
doendo,  
chorando,  
morrendo.  
Viver  
p'ra mim  
é assim  
morrer.

Viver?  
P'ra quê?  
P'ra chorar?  
P'ra amar?  
P'ra sorrir?  
P'ra dormir,  
se o sono  
mais forte  
é a morte?!...

Vou morrer!  
Não vou viver!  
Vou viver!  
Não vou morrer!  
Qual morte  
escolho?  
Qual sorte  
escolho?  
Se escolho  
o escolho,  
o escolho  
que escolho  
me mata,  
me fere,  
me arrasta.  
Abre feridas  
em muitas vidas.  
Prefiro viver  
sem nunca morrer!...

Por que dizer  
isto,  
sem isto  
pensar?

É porque  
é preciso  
um tema  
escrever;  
um tema  
conciso  
desenvolver,  
um tema  
que tem  
moleza,  
pois que é ele  
tristeza.

04.11.53.

#### DEPOIS DO AMOR

Na noite escura  
Do nosso amor,  
Quase loucura,  
Cheio de dor,

Tateio em vão,  
Sempre à procura  
No coração  
De uma arte pura.

Mas nada vejo,  
Pois que, no olhar.  
Cheia de pejo,

Tudo tirou  
E, no beijar,  
Nada deixou.

04.11.53.

#### ALGO

Procuro algo.  
O que procuro?  
Algo.  
Espero algo.  
O que espero?

Algo.  
Procuro algo.  
Espero algo.  
Algo.  
Mas que algo  
É que procuro?  
Algo.  
Mas que algo  
É que espero?  
Algo.  
É sempre algo  
O que procuro?  
Algo.  
O que espero  
É sempre algo?  
Algo  
Por que procuro?  
Por que espero?  
Algo!

04.11.53.

#### O QUE EU SOU

Nas minhas veias corre,  
Corre uma grande pulga,  
Pulga grande sem dimensões.  
Dimensões, o que é isso?  
Isso de dimensões é besteira.  
Besteira maior é a sujeira,  
Sujeira que enlameia a vida,  
Vida sem fé, sem calor,  
Calor que nos aborrece.  
Aborrece até nos matar.  
Matar é isso o que eu quero.  
Quero poder ainda amar,  
Amar até provocar dor.  
Dor é o supremo prazer.  
Prazer é o contato com o corpo,  
Corpo virulento de mulher,  
Mulher cheia de curvas,  
Curvas tortas e direitas:  
Direitas como um poste.  
Poste propriedade dos cachorros.

Cachorros é o que vocês são.  
São cachorros e eu também sou.

12.12.53.

### O PENSAMENTO

A palavra é coisa boba,  
Quando falada assim.  
A palavra é uma loba,  
Quando falada p'ra mim.

Alguém fala uma palavra,  
Talvez até sem pensar,  
Outros fazem uma lavra  
Que faz até cogitar.

As palavras que eu falo Não são aquelas que escrevo:  
O que eu digo tem halo  
E rabisco o que não devo.

Isto está bem latente  
Em todos os versos acima.  
Mesmo assim estou contente,  
Pois tenho um pouco de rima.

Falar e rabiscar são bobagens,  
Pois o que importa é pensar,  
Pois que quem leva as bagagens  
Não sabe o que é cogitar.

Quem pensa sabe o que diz,  
Do mesmo modo, sabe o que escreve.  
Quem não pensa é muito feliz,  
Pois sempre fala o que deve.

Com estas várias conclusões,  
Concluirão que eu não sei  
O que pensar em discussões,  
Nem sabem o que eu pensei.

12.12.53.

### VIBRAÇÃO METAFÍSICA

Morri mil anos seguidos  
e não senti:  
estava gelado.  
O mundo é uma grande geladeira...  
ou pequena?

Não sei:  
não sei se Deus existe;  
não sei se o homem é;  
não sei se a existência existe;  
não sei se sei se não sei;  
talvez não saiba.

Qual o valor das coisas?  
não sei;  
qual o valor da maiúscula?  
não sei;  
e da ?  
não sei;  
qual o valor desta folha?  
não sei.

Não sei nada:  
não sei nem se existe o nada.  
A única coisa que sei realmente  
é que está na hora  
de dormir,  
de sonhar.  
Os homens, que não eu,  
dormem agora,  
talvez até estejam mais acordados  
que o egoísmo meu,  
talvez já estejam mortos  
e enterrados,  
e só eu tenha a ilusão da vida que passa;  
talvez nunca existissem,  
talvez Deus nunca existisse,  
mas me gerou  
de seu ventre  
e foi concebido  
e parido  
e sofreu,  
enormemente, morbidamente.

E eu, que sou?

O produto imenso da dor de um deus infestado de bolor, velho, decrépito,  
que não tem consciência de que é uma consciência  
que me gerou o pensamento

e o corpo

e a fome

E a morte

e tudo e tudo e tudo e tudo e tudo.

E tudo nada vale, porque nada é,

porque tudo nada é,

porque o ser não é,

porque não sei que o ser não é,

porque nada sinto,

porque vibro apenas,

porque escrevo.

Mas não choro,

não lamento,

não lastimo,

porque não tenho pena de mim mesmo:

que sofra a minha carne,

que chore meu pensamento,

que vibre na dor meu intelecto.

Não sentirei,

não poderei sentir,

não quero poder sentir.

Na loucura da técnica contemporânea,

vibro de medo

do traiçoeiro poder da matéria,

que domina,

que avassala,

que oprime,

que mata,

que dá vida,

que cria deuses,

que sofre na consciência de si mesma.

Eu,

eu, profundamente egoísta,

profundamente

**eu-mesmo,**

sou matéria

e matéria morta  
e matéria viva.  
VIVA a matéria!

VIVA A MORTE, que sofre dentro de si, que sofre sobre o relógio!  
O amor levou-me um dia  
a uma encruzilhada:  
ou amo a matéria,  
e sou matéria,  
ou a detesto,  
e sou matéria.  
Sou matéria porque não sei ser espírito  
porque não quero ter alma,  
porque não sei ter alma.  
Sou um bastardo do mundo,  
desonrado pela vontade de ser,  
passageiro do bonde da existência,  
que não quis pagar passagem,  
por isso, sentei-me no último banco,  
de onde possa ver o que está além,  
mas através duma vidraça,  
duma espessa vidraça  
duma vidraça de carne,  
de osso,  
de eletricidade,  
de magnetismo.

Quando me lembro de que existem outros eus que não sou eu,  
não sei!, tenho pena de ser apenas eu:  
poderia ser a vibração de um som da música que ouvi,  
e não gostei;  
poderia ser um movimento da dança que vi,  
e gostei;  
poderia ser uma forma do seio da moça que toquei,  
e gostei;  
poderia ser um pouco da fumaça do perfume que cheirei,  
e não gostei;  
poderia ser um pedaço da pele do frango que comi,  
e arrotei.

Assim teria a inconsciência de não ser:  
não sofreria,  
não amaria,  
não seria matéria,

porque nada seria,  
porque não saberia que poderia ser.

Se Deus,  
um deus qualquer,  
criou o mundo,  
fê-lo bem,  
o mundo,  
mas fez mal a criação,  
porque o supremo mal foi Deus ter criado a criação.

Deus bem poderia ter continuado não ser,  
na eterna felicidade do si-mesmo.

Um dia, eu passarei,  
terei esgotada toda a energia que não pedi — e que devo ter,  
para viver,  
para sofrer,  
para morrer,  
e, então, o mundo,  
no seu enorme inconsciente,  
não se lembrará de que eu aqui estive,  
e continuará a eterna serenidade de sua diabólica maquinação.

Mas se Deus houver,  
desafio-o,  
com toda a minha desmedida humanidade,  
a dizer que é justa sua justiça,  
desafio-o  
a morrer — como quer que eu morra  
e passe,

desafio-o  
a me recriar,  
não na mesquinha condição de homem,  
mas na enorme condição de Deus,  
desafio-o  
a igualar-me a ele,  
desafio-o  
a igualar-se a mim,  
desafio-o  
a provar que existe  
e juro pela minha existência  
que nada existe  
e, se o pensamento tem algum valor,

e digo que não tem,  
pois o desejo não é desejo,  
mato-me agora — para erguer-me em Deus,  
como Deus, um único Deus.

14.10.57.

#### SONETO

Na busca do infinito,  
vazio,  
sem jaça,  
sem ser,  
encontrei-me energia,  
mas estranha, alterada,  
diferente energia,  
energia gasta,  
GASTA, finita, apavorante.  
Não faz mal (disse comigo),  
um dia me vingarei.  
Estando diante dela

nada serei!

15.10.57.

#### EM BUSCA DA VIDA

Se tens um dever a cumprir,  
na vetusta face deste mundo,  
se dor, se tédio, se vaidade moram  
do ser na inconsciência mais profunda,  
do nada, que lateja,  
não temas, porque nada paga a pena da realização em si,  
comunga com a felicidade de saber ser.  
Se sabes curta a vida e pouca a energia que possuis,  
se tens em si capazes as sensações da matéria,  
se concebes o ser eivado de não ser,  
se pensas no vazio universal,

realiza-te com toda tua força,  
na suprema consciência do pouco que és,  
procura saber que a humanidade sofre,

sê bom,  
que a felicidade mais alta está  
na própria concepção do si mesmo,

que a eternidade está  
no momento mesmo que passa,

que a glória de viver está  
no ato que se realiza,

que o poder ser está  
na diabólica exaustão energética,

para que a matéria transcendente de Deus,  
iluminada pela luz da consciência,  
se revele em si mesma,  
na augusta compreensão  
dos que nada compreendem  
mas parecem compreender.

Sejamos apenas nós mesmos,  
vibração de vibrações,  
e esqueçamos a existência.

Seremos felizes,  
no sofrimento.

16.10.57.

#### SONETO

Pobrezinha, chorou.

Não quis saber que o nada era que a oprimia.

Fugiu, voou.

Agora vive, solitária e triste, na mansão do escuro,  
sempre procurando a beleza intangível de Deus,  
que deve estar para além.

Não pode encontrar.

Ninguém pode encontrar.

E, por isso, ri tristemente de si mesma,  
na sua consciência inconsciente.

Amanhã...

— quem sabe? —

talvez não sofra mais,  
talvez não mais procure.

22.10.57.

### TERCETOS

Se tenho em mim, feroz, que me devora,  
um leão, é porque assim o quero e faço.  
Se choro desesperado na imaginação,  
está na hora: devo estar duro e frio como o aço.  
Se sinto em mim um grande, um intencional cansaço,  
agora, é o tédio que está em meu coração.  
Se sinto profunda uma dor na minh'alma,  
choro as lágrimas imperfeitas do meu eu profundo.  
Se renego, piso e clamo neste mundo  
em calma, é porque, em mim mesmo, no imo, o adoro.  
Se não compreendo a vida que em minh'alma está  
hoje, é o mundo um pleno, um constante hoje.  
Adeus, mundo velho, antigo, imaculado,  
que me magoa:  
Sou insensível e pretendo ser apenas vibração.  
Se quebro, se não quebro este ritmo  
africano, pobre de mim, estarei dominado.  
22.10.57.

### PROFISSÃO DE VERME

Vinho, vinho, vinho,  
vinho  
vivo,  
que me prometes,  
que me tomas,  
que me apertas,  
  
como sou feliz,  
intemporalmente,  
inespacialmente,  
inergeticamente.  
Este mundo de ação que me consome,  
sem cessar — imaculadamente —,  
— insensivelmente —,  
que freme,  
que treme, traz em si uma grande e terrível filosofia:  
o homem é ação desde que foi concebido,

e, se não quer ação ser,  
    é ação pelo ato de não querer.  
E como terminar com tudo isso?  
    Suicidando-se.

Vivo sessenta e cinco anos  
    — as estatísticas não falham, principalmente as oficiais —,  
E, ao cabo desses trinta anos,  
    que fiz de bom?  
    Procriei.

Dei origem a outros trinta anos  
    de dor,  
    de sofrimento.

E, assim — intermitentemente —  
    É terrível o mundo,  
a miséria,  
    o desperdício.  
    É tudo vão.  
    Se tenho mil amantes,  
    sinceras como tais,  
bonitas, formosas, gentis,  
    que não me traem  
com mais de um, com seu marido,  
    que é a vida?  
Miséria, sofreguidão, desespero.  
    Nada paga a pena de viver, senão a própria consciência do sofrer.

Assim, o prazer é longamente dor  
    e quanto mais dor procuro,  
    mais encontro prazer.

Matei-me outrora em desespero  
    e agora mato-me outra vez.  
    Era Deus — e não me satisfiz.

Tornei-me verme,  
    desprezível.  
E sou apenas verme,  
    desprezível,  
    asqueroso.

Se transponho para as páginas  
    o pensamento  
    mórbido  
    que me invadiu  
— nada poético — nada bonito —  
    — nada sugestivo —

em si,  
É porque tenho sono de ser eu  
e queira acordar outro  
— vibrante — dominador — homem —,  
não o verme que sou,  
— corajoso — inteligente — devastador —,  
não o verme que sou.  
E esse tal que gostaria de ser  
que é?  
Outro verme,  
que não sabe disso  
e é feliz,  
porque a verdade é o desprezo  
às coisas,  
ao mundo,  
às pessoas,  
ao deus que não tem em si.  
22.10.57.

#### A MORTE

Quantos já foram ver o futuro!  
E o que virá?  
Não sei,  
mas procuro saber,  
e sei que nada saberei,  
porque o futuro  
é um hoje que antecipei.  
Como é triste tudo isto —  
a sensação de escrever  
inteligentemente.  
Sobre o quê?  
Sobre *eu-mesmo*,  
que penso,  
que existo.  
Porque existo, penso?  
Ou porque penso, existo?  
Talvez não exista  
e pense que exista.  
E se o ser não é?  
E se nunca foi?  
Terrível ônibus que me revelou o segredo da energia — que traz o movimento,

o espaço,

o tempo,

o ser,

e a impressão

disso tudo,

e Deus,

e o medo de

Deus,

e a religião,

e o

crime,

e o castigo.

O que é a energia?

É o absoluto, como sofisma.

Terei de morrer de fome,  
nos próximos anos.

A energia criou a necessidade de energia,  
mas não a vontade de ter energia,  
mas não a previdência de ter energia.

Se o mundo fosse um campo de futebol,  
estaria o pé quebrado  
e a bola furada.

Ora, escrever em colunas ou escrever em linha, que importa? Nada tem valor para aqueles que procuram o valor.

Escrever para mim ou para o público — sempre haverá quem leia — ou o público ou mim, esse terrível mim que tenho em eu.

É o gasto inútil de papel e tinta — e caneta — cara caneta — que ganhei porque a inércia do choro exigiu que se cobrisse a caneta quebrada, estragada pela inapetência dos que pensaram ter.

Terrível ilusão de mim mesmo,  
estupenda visão amorosa — sentida — intelectualizada — da natureza,  
que é mãe  
e que é filha da mãe.

Tudo é disperso.

Tudo é amorfo.

Tudo nada é.



Eu quero romper com tudo isso  
em mim mesmo,  
como uma coisa que não é aqui  
senão um pensamento.  
E tenho que me ordenar entre os fantasmas circunstantes —  
envolventes —,  
não sendo nem sequer como o livro que não tem consciência de que é livro  
e que, por isso, permanece.  
A matéria não é dura.  
Eu é que sou mole,  
estapafurdidamente mole.  
Não chego a ser nem combustão,  
mas sou apolíneo,  
claro,  
refulgente e transparente,  
brilhante,  
multifacetadamente luminoso,  
e quero ser escuro,  
tenebroso,  
escondido, oculto,  
como todos os mistérios que me cercam  
e me envolvem,  
fantasmagóricos,  
fantasmagoricamente fantasmagóricos,  
como o eu que tenho em cada um dos homens,  
que me ouvem,  
calados,  
mudos de espanto,  
glorificando-me  
dentro de si mesmos,  
como se eu não fora eu mas apenas um escrito vacilante,  
que nada possui de si,  
mas é apenas eu,  
eu,  
eu,  
tremendamente eu,  
somente eu, que espalho minha natureza pelas esferas vibrantes que  
enchem o espaço e me desfaço em pedaços.  
Precisava confessar-me:  
não quero viver no mundo que me oferecem.  
Não quero.  
Nada tem o poder de enfrentar meu querer,  
que é apenas meu,

profusamente meu.

Oh! Deus! Que me velais o sono  
e o despertar,  
e a morte,  
guardai-me da certeza de que existis,  
para não ter eu inveja de vossa sorte,  
da sorte de ser Deus entre os mortais,  
eterno entre os homens.  
E que chore o mundo em desespero.  
E que o nada se transforme em nada.  
E que trema eu de medo do medo.  
E que viva a morte em si mesma.

Que a lama do mundo não seja a origem, nem o fim.  
Que o corpo não domine.  
Que o espírito não exista.  
E que a felicidade não esteja em si mesma.

...

E que eu não seja apenas eu.  
E que a eternidade transitória desapareça.  
AMÉM.  
22.10.57.

#### DOIS TEMAS

Oh! Terrível condição de ser máquina de pensar,  
porque tenho de pensar,  
não posso parar de pensar,  
pensar,  
pensar.  
É isto que faz o sono querido,  
porque esquecemos que estamos pensando,  
na modorra do inconsciente.  
Um dia, existiu uma criança.  
Hoje, já não mais existe,  
coitadinha.  
Cresceu, cresceu cresceu.  
Um dia existiu um velho  
que hoje não existe...  
Feliz!

Decresceu, decresceu, decresceu.

Sumiu.

Desapareceu.

22.10.57.

#### FRAGMENTO DE POESIA QUE DEVIA SER MAIS LONGA

Um mundo estranho,  
todo feito de ilusão, cercou-me.

E eu lutei

— fui obrigado a lutar —

contra o eu que tinha em mim.

E perdi,

fragorosamente.

22.10.57.

#### AOS CEGOS DE NASCENÇA

À dor de existir,

a sorte acrescentou-lhes a escuridão.

Acreditem, tenham fé, confiem,

eu lhes digo:

o vidente

também não vê,

tem apenas a impressão,

porque tudo tem raízes para além do que vemos, para além do que somos.

Realizem-se sem a luz, que é matéria:

serão felizes.

Deixem-me chorar por vocês.

22.10.57.

#### DRUMMOND

Tinha uma pedra no meio do caminho.

Nunca me esquecerei desse acontecimento.

Para mim, o caminho é uma pedra,

e o acontecimento é um esquecer,

um contínuo esquecer.

Imaginem,

às vezes, esqueço até minha inútil condição de homem,

chego até a esquecer que sou Deus,

um deus humilde, sincero,  
cristão.  
Porque eu também sou Cristo  
e sou Antero, no quintal.  
Como nada tem valor,  
e o caminho é uma longa e curta pedra,  
vamos *piadar*: piu — piu — piu.  
Esqueço até que sou,  
esqueço até.

No meio da envolvente pedra, julguei ter um caminho,  
e tinha,  
e percorri-o inteiramente, sem sair do lugar.  
É ridículo este mundo,  
é risível esta vida.

O que me salva é a desculpa de que sou jovem,  
porque, se não...  
encontraria uma pedra no meio do caminho que julguei ver na pedra  
e o mundo acabaria,  
ruiria.  
Jamais pregarei a ação,  
ou a inércia...

22.10.57.

#### BILAC

*Ora direis...* poesia de desocupado,  
*E eu vos direi...* como toda poesia,  
*Porque para entendê-las...* é preciso ser poeta,  
ou seja,  
ser desocupado,  
porque o tédio é o supremo bem,  
porque permite ao homem —  
máquina que pensa —  
pensar em que é uma máquina,  
ao burguês,  
saber que é burguês,  
à existência, saber que é apenas existência.  
Portanto, Homens que pensais,  
coloco-vos uma pedra  
no meio do caminho,  
para que salteis por ela.

22.10.57.

### O AMOR

O negro escuro, velado, do sofá antigo  
Em que Sinhá brincava de amar  
Tornou-se cal, branco, sincero,  
Da seriedade do homem do futuro,  
Para amar que não se esconde.

Hoje o amor é sensual,  
amanhã normal,  
ontem animal, sempre teórico.  
O sentimento profundo que enleva o homem  
é criado  
artificialmente.  
É uma mentira sincera,  
deliciosa,  
com que se envolve o instinto  
— pungente —  
mas humano!

22.10.57.

### EXISTENCIABILIDADE

Quisera ser um lírico feliz,  
como é minha realidade fora de mim,  
para ser feliz em mim mesmo.

Quisera nunca ter tido ideias,  
como acontece com os irracionais,  
para ser feliz fora de mim.

Quisera ser apenas um corisco,  
como risca o ar a natureza,  
para ser feliz dentro e fora de mim.

Quisera ser uma laje ou pedra,  
como a inconsciência da rigidez,  
para me desfazer inconscientemente.

Quisera ser apenas uma ideia,

que não tem vida em si,  
para apenas existir em função da inteligência.

Quisera ser Deus,  
como não sei se é o próprio Deus,  
para ter consciência de ser Deus.

28.10.57.

#### SEXTILHAS

Não temo o mar, o céu e a terra.  
Não temo almas de outro mundo.  
Não temo Deus, o diabo ou o que seja.  
    Temo apenas a mim mesmo,  
    a minha incapacidade,  
    a minha debilidade.

Temo a sombra que me segue.  
    Temo a caneta que seguro.  
        Temo o som do relógio.  
            Temo a carne que devoro.  
                Temo a flor que traz perfume.

Não posso apenas ser eu.  
Temo o estado em que me encontro.  
    Temo a pátria que me prende.  
        Temo os deveres que me oprimem.  
            Temo a carne da minha carne.  
                Temo tudo que está aquém, a terrível ânsia de existir.  
                    28.10.57.

#### COMPROMISSO

Se for eu organizar um dia  
    a filosofia que me convém  
e tiver de acreditar nela,  
    acreditem:  
muitas filosofias eu terei,  
outros sistemas eu farei,  
    que não seja necessária a fé.  
Porque, se a fé é complemento,  
    não na farei objeto,  
    nem sujeito.

O nada talvez me satisfaça,  
mas, como eu não sou apenas eu  
e sei que o mundo se biparte,  
em múltiplas razões,  
não querendo ser apenas eu,  
permanecerei como sou: um discreto agnóstico.  
28.10.57.

#### A BELEZA

Tenho um critério de vivência,  
característica fundamental de mim mesmo, o critério da beleza.  
De menino fui bonito;  
mais ainda: lindo, uma gracinha.  
Cresci e aqui e ali permaneci mais ou menos bonito.  
Depois fiquei feio.  
Quase diria momento de transição.  
Porque agora muitos me julgam simpático,  
outros, até bonito,  
alguns, atraente.  
Eu, sinceramente, embora não no queira, sinto-me envolver,  
mas sei // que a beleza nada vale //  
diante do falho ver humano  
e eu, diante de mim, desmorono-me.  
28.10.57.

#### O TÍTULO NÃO É NECESSÁRIO

Perco-me no desejo vão de compreender  
a vida,  
o homem,  
o ser,  
o pensamento,  
a existência,  
como se algo pudesse ser compreendido.

Roma foi grande e passou:  
o luxo é o mal da prosperidade.  
Por que existe automóvel?  
Não bastava ter pés?  
Ontem, o homem vivia enquanto viajava;

hoje, todos viajam enquanto vivem;  
amanhã — quem sabe? — talvez não se viva mais,  
ou talvez apenas se viaje,  
para longe,  
l o n g e,  
para o infinito que está aqui,  
junto de mim,  
dentro de mim;  
para o eterno,  
que luta impotente contra si mesmo.  
Tudo se transforma:  
o espaço sideral — negro — lembra-me esferas cromáticas, numa louca  
imobilidade,  
fixamente fixa,  
estrondosamente inaudível,  
salgadamente insossa.  
E isto é fuga da compreensão.  
31.10.57.

#### UMA VISÃO DO FUTURO

Quisera ser um ás.  
Não um ás qualquer,  
mas um ás suficientemente ás para impressionar,  
não frios leitores do futuro,  
que tentarão me decifrar  
e ver que eu aqui estou,  
porque, na realidade, eu aqui não estou,  
mas além.  
Posso garantir que seria um ás,  
conscientemente ás.  
Aliás, talvez, todavia, eu preferisse ser mesmo um ás,  
que representasse papéis — mascaradamente —,  
um cantor de ópera — tenor ou barítono, não importa —,  
contanto que fosse de fama;  
um craque de futebol,  
um ás do volante.  
Poderia ser até professor universitário,  
para fazer emoção no sonolento homem do século XX —  
que só sente serenamente aquilo que lhe é apresentado;  
jamais é capaz de sentir aquilo que ele mesmo é.  
O homem que vejo fuge de si mesmo,

tem medo da matéria que o oprime,  
pavor do espírito que lhe diz verdades,  
se não eternas, pelo menos morais.  
O homem precisa tomar consciência de que deve procurar-se.  
Ninguém,  
ninguém,  
ninguém, tudo vazio em torno de mim.  
Se ouço uma palavra, volto-me,  
ávido e já descrente,  
pois não é uma pessoa que fala — é um  
autômato incrivelmente mecânico.  
O homem de hoje não tem perspectiva histórica,  
não sabe ver.

Então, o bonde, o trem, o ônibus são bens da natureza?  
O dever é necessidade natural?

Rompa o homem com o mundo que o oprime;  
quebre os laços da técnica.

Satélite artificial,  
mas o homem não conhece nem a si mesmo;  
não sabe nem se é feliz na felicidade;  
já perdeu o sentido do amar.

Tomo uma condução — a pessoa do lado é um desconhecido que não quer se  
conhecer.

Dentro do mundo — passageiro do mesmo carro da existência — o homem perdeu  
a fala, emudeceu.

Uma garota formidável,  
para ser apresentada  
a um tipo bacana,  
precisa de alguém,  
porque o homem  
já não tem perícia em se fazer um homem.  
Se falo, riem-se de mim.  
Se escrevo, nem tomam conhecimento.

Sou obrigado a me ilhar,  
como se cada homem fosse apenas um homem!  
Ó terrível condição atual,  
até quando?

31.10.57.

#### ALGO QUE SE PARECE COM PROSA

Hoje estou sensual e consciente.  
Por isso, perdi o poder de sentir  
e o mundo está todo parado,  
intangível para o meu eu profundo.  
Assim funciona o pensamento  
e o desejo de escrever o que penso;  
desta maneira sinto sensitivamente  
e a vontade de abraçar o universo.  
Realizo-me pelo intelecto  
quase que inteiramente,  
o se tudo fosse apenas o que concebo,  
tudo imaterial, fechado, oco, escuro.  
E os sentidos anotam as variações cromáticas,  
as vibrações sonoras e luminosas do ser,  
a maciez superficial do meu corpo real.  
Parou a vida e tudo,  
porque não sinto intelectualmente,  
porque hoje não sou exclusivo matéria.

31.10.57.

#### MISCELÂNEA

Anotações, variações, canções, problemática;  
chuveiro, sineiro, serralheiro, canastra;  
vagabundo, vira-mundo, Dorismundo, pobreza;  
miséria, jogo, dificuldade, falta.

Se tivera que fazer um sermão  
rechonchudo, barrigudo, eu então  
não faria, não,  
porque a miséria, que grassa nojenta, por todos os lados,  
não tem compleição, nem rigidez, por parte de mim,  
que temo e imploro perdão para os meus que são infelizes,  
o mal que não fiz, a dor que sofri, o bem que deixei.  
Se espero, não alcanço; se procuro, não acho; se olho, não vejo.  
Se a morte me diz que é imortal aquele que morre,  
o que deverei, tentando mentir, chorando fazer?  
A vida é comprida, o sentido é um bem, a morte, bem-vinda.

Sou velho e cansado, meus filhos me amam  
e já estou terrivelmente longe,  
afastado do bem  
e do mal  
e da vida.  
Se quero, não posso.  
Se tenho, não dou.  
Sou mau em mim mesmo,  
religiosamente descrente,  
desequilibrado mentalmente,  
desajustado,  
nublado,  
forçosamente homem  
e homem que teme a Deus,  
a Deus que não sei se existe.  
Antero era crente e disse que só faltava saber se Deus existe.  
E por que não deveria existir?  
Não existe porque não o sensualizo; não existe porque a verdade terá de ser adivinhada.  
Se estudo, não presto,  
trabalho e não ganho,  
tarado mental.  
O problema do valor dos absolutos premeu meu cérebro na existência vindoura,  
mas eu não liguei no futuro.  
Agora que aqui estou,  
penso por que não aproveitei o futuro para saber o que é o Absoluto?  
Não soube ver o dia de amanhã e hoje me lamento.  
Talvez ontem eu venha a querer saber e não poderei.  
Ontem será um dia que nunca virá; amanhã, um dia que já passou; hoje — a eternidade  
microfilmada.

31.10.57.

#### SONETO APARENTE

Um dia, o homem conseguiu ser eterno...  
Substituiu a flacidez de sua carne  
Pela rigidez dos átomos soltos:  
Era sempre o mesmo diante de si.  
Foi eterno pela eternidade...  
Compreendeu que era e foi infeliz,  
Porque compreendeu que podia não ter sido.  
E uma lágrima intangível rolou da eternidade...

Desfez-se a inerência vital dos átomos,

O espaço que foi tornou a ser  
E o tempo reexistiu, pachorrentamente...

Hoje o homem caminha para a eternidade,  
Desejando encontrar nela apenas o transitório,  
Mas sabe que encontrará a vontade de nada encontrar.  
07.11.57.

### MÚSICA DE JAZZ

Engraçado:  
desejei tornar som a música ouvida  
e apenas consegui movimento  
e desatenta atenção.  
Descobri que o fundo da melodia era apenas ritmo  
e ritmo é movimento  
e movimento, a transformação imediata da energia,  
bela energia transferida para o som,  
e fico apenas som,  
vibrante.  
ruidoso,  
plasplaplaplalum,  
tataratatá,  
fiiium, fiiium,  
absorto,  
eu não eu,  
eu mais que eu: apenas a existência.  
07.11.57.

### CIÊNCIA

Satélite artificial,  
Sputinik; que sei eu?  
O homem na conquista do espaço.  
Discos voadores, naves interplanetárias.  
Tudo energia emprestada.  
Logo o homem vai gastar sua energia em favor da energia material que não tem em si, mas  
não conseguirá ser apenas energia.  
Maldita mania dos impossíveis!  
O homem será apenas outra coisa:  
então será chamado de outra coisa,  
assim como Deus,

que não absoluto porque o homem é relativo.  
07.11.57.

#### MORTE

Aproxima-se o momento de minha morte,  
encontra-se consigo mesmo e...  
07.11.57.

#### O PROGRESSO

Outrora existiram esqueletos.  
Hoje há armações plásticas de acordo com os gostos.  
Antes havia miolos.  
Agora encontramos chumaços de *nylon* eletromagnetizados.  
Um dia usou-se coração.  
Já há os feitos de borracha esterocopitizada.  
Mas o homem não conseguiu deixar de ser homem.  
A matéria substituiu-se pela matéria  
e a forma continuou forma.  
É muito melhor ser inconsciente  
e desejar a inexistência,  
ou a resolução dos problemas que não existem.  
07.11.57.

#### A MENINA DO VÍDEO

A menina não gostou da poesia moderna.  
Ficou no século passado,  
idealisticamente romântica,  
como se a infância fosse amor,  
como se a velhice não fosse egoísmo.  
Talvez venha a gostar do que escrevo  
sem intenção de impressionar, mostrando o divórcio dos meus eus:  
aquele que sou  
e aquele que gostaria de ser.  
A menina é subjetivamente objetiva:  
deseja compreender o que se não compreende e absolutamente não entende o que  
é evidente por si mesmo.  
Acima de tudo é inteligente:  
quer tirar a miséria da miséria,  
como não pode tirar a dor do dolorido.

Acredita apenas nas aparências das coisas.  
Por que existem meninas?  
Por que as meninas querem não ser tais?  
Eu gostaria de ser uma menina que não queria sê-lo, como sou um menino tal.  
A menina não gostou do comunismo  
e não gostou do modernismo poético.  
Por quê?  
Por quê?  
Porque...  
Como serão as meninas do futuro?  
Prendadas,  
futuristas,  
um pouco exóticas.  
Meninas do futuro...  
Meninas que não conhecerei,  
conhecedoras do modernismo,  
admiradoras profundas de si mesmas.  
07.11.57.

#### MOTIVOS PARA A VIDA

O mundo é uma ilusão.  
O homem passa a vida toda a sistematizar ilusões.  
Rico metafísico,  
que tem como  
meta físico rico.  
  
Então, o mundo não é uma ilusão?  
Essa afirmação não é minha.  
Vivi três mil anos.  
Minha mãe viveu mais do dobro e afirma.  
E meu avô.  
Meu bisavô já é uma prova.  
Isto tudo não é uma ilusão?  
O que pensar a respeito?  
07.11.57.

#### MEDITAÇÃO

O universitário japonês suicidou-se,  
porque teve medo,  
terrivelmente, teve medo

do satélite,  
do foguete,  
da técnica,  
do domínio da matéria.  
Tudo é matéria dentro do meu espírito,  
por isso não tenho medo do homem  
nem de suas ameaças,  
nem de suas conquistas,  
nem de seus erros,  
nem de suas guerras.  
A angústia que estava na minh'alma japonesa  
resolveu-se depois disto daqui.  
Sabe ela agora o que está do outro lado.  
Eu é que não sei.

09.11.57.

#### A PEDRA

A trilha comprida que leva uma estrada perdida,  
na limpidez do sol que se esvai  
horizontalmente no espaço tangível  
sumiu-se sob os meus pés.  
Cansada da longa viagem que fiz não sei onde,  
só então verifiquei a flutuação do meu ser,  
levado nas ondas do som e da luz,  
envolvido mornamente pelo suave bafejar do irreal.  
O vácuo me amparou na caminhada solitária  
e disse comigo, feliz:  
— E agora que sou, que faço, que quero?  
Longe, uma voz respondeu sussurrante:  
“Mísero mortal que te fazes eterno,  
olha para trás, na distância do movimento, resolve tua sorte e sê maldito!”  
Sorri e não me voltei,  
porque sabia que não poderia ver,  
que nada havia para ver, que teria amargura n'alma, que seria obrigado a  
chorar.  
Mas nem por isso olhei para a frente  
porque sabia que teria a mesma ilusão  
e choraria.  
Fechei-me em mim mesma,  
na terrível ignorância do que é,  
do que não é, esperando escapar do sofrimento  
angustioso do conhecimento ilusório do mundo.

Nada adiantou.  
Não pude fugir:  
dentro de mim estavam também passado e futuro,  
todo o movimento energético,  
toda a consciência existencial,  
tudo o que é ou pode ser,  
tudo o que absolutamente não é,  
tudo,  
tudo,  
tudo,  
o ser e o não ser,  
a me espreitarem,  
a me oprimirem,  
a me fazerem chorar.  
09.11.57.

#### ANGÚSTIA

Quem sou?  
Poderia ser outra coisa?  
Poderia viver fora da vida?  
Ou fora de mim?  
Ou fora da existência?  
Ou fora, simplesmente?  
Opressão,  
rispidez,  
calma,  
força íntima que me fazes perguntar  
e querer perguntar, por que não me dás o poder de responder?  
De saber responder?  
Ou de saber, simplesmente?  
09.11.57.

#### SONETO RELIGIOSO

Oremos a Deus.  
Creio em ti que estás além,  
não porque existes  
mas porque necessito de tua existência,  
causa de minha causa,  
fim universal de minha individualidade,  
que estás fora da energia,

que me acolherás em teu seio,  
que me conduzirás até a eternidade, feliz e sorridente.  
Não quero teu paraíso,  
mas a verdade,  
para depois me enfastiar com o conhecimento.  
Glória a Deus e paz a minh'alma.  
13.11.57.

#### CALOR

Política, assistência social,  
palhaçada.  
Então, o homem deve ser superior ao homem?  
O homem é igual ao homem,  
sempre idêntico a si mesmo, menos nas influências que recebe.  
Vive de exemplos.  
Não sei por que motivo.  
A natureza palpita vermelha:  
sofre em si,  
como se respirasse,  
como se fosse força.  
O mundo vibra.  
Treme a vida.  
A existência se abala.  
Eu durmo sereno.  
14.11.57.

#### ANTES DA AÇÃO

Conheço-me criança,  
com vontade indomável de vencer tudo,  
mas, depois das tentativas,  
quando a esperança se tornou vaidade  
e o amor apenas orgulho,  
a desilusão dissolve-me o ser,  
a existência liquefaz-se,  
a vida se concentra em imprecisão.  
Nesse momento quereria sumir,  
se a vontade da desforra,  
que me enforma todo o individualismo,  
não fizesse crescer ainda mais,  
dentro de mim mesmo,

a enorme vontade de vencer.

E o contínuo debater do desejo e da desilusão corrói-me pouco a pouco a energia e não me realizo e sofro, porque não posso estar aqui e além.

03.12.57.

#### SONETO RESIGNADO

Tenho formulado mil projetos  
de amor, de paz, de amizade,  
de conquista de alguma coisa  
que não sei bem o que seja,  
uma esperança, um desejo.

Tenho fugido de mim mesmo, querendo ser mais do que eu.

Triste condição de homem, cujo conhecimento está limitado pelos sentidos, na procura do transcendente.

Dia virá, normalmente, me que terei o que quero.

Agora não adianta lutar ou sofrer,  
mas viver dentro de minhas possibilidades,  
limitado pelo determinismo.

03.12.57.

#### INTELIGÊNCIA

O que será um gênio?  
A resolução de problemas racionais?  
A visão da imanência divina?

Nada disso.

Homem genial é aquele que tem vontade  
e que, diante dessa vontade, deixa de ter vontade.

Eu: não tenho vontade  
e, diante dessa falta de vontade, tenho vontade.

Como é triste ser livre dentro de um cubículo  
e não poder estar preso à eternidade,

física e espiritualmente!

03.12.57.

## SONETO PARA QUE O HOMEM SE REFORME

Tudo perdeu o valor para mim,  
a não ser o que está aquém,  
perto de minha compreensão.

O amor já não me prende,  
porque está sempre a se desfazer,  
porque está preso à incompreensão,  
porque é fruto da necessidade.

O mundo vai acabar  
dentro de trinta anos,  
porque o homem perdeu a noção de limites  
e quer conquistar a energia,  
para satisfazer um desejo político,  
produto da mesquinha vontade de se impor.

Tudo foi obrigado a não ser.

03.12.57.

## RECALQUES ESCOLARES

Tudo perdido para mim:  
a vida que para a escola consagrei  
não se realizou.  
Afinal,  
o que é tudo isto aqui?

Sinto-me frustrado no mesquinho ideal do que está perto.  
Como homem, não deverei estar ainda mais?  
E como ser?

Tudo é indefinido diante da minha procura.  
Tudo tão enevoado.

Estou triste, tremendamente triste.  
Para que se esforçar?  
Para que procurar?  
Teremos sempre a resposta final.  
Talvez, daqui até a inexistência do tempo, eu ser consciente do valor.  
Agora, quando tudo passa, sinto-me pressionado dentro de mim mesmo.

E tenho consciência de que a única esperança, o último liame  
é a vontade de ser lido  
e admirado  
e envaidecido.

Embora saiba com segurança,  
como tudo o que sei  
intuitivamente,  
que vivo por vivo estar.  
Por que não tenho a capacidade suficiente  
ou insuficiente para me satisfazer?  
Por que sofrer?

Se eu pudesse começar tudo de novo...  
05.12.57.

#### DESEJO

Aqui, onde hoje estou,  
perto da eternidade,  
além do transcendente,  
existiu um homem  
que foi sempre justo  
e nada temia do mundo.  
Cinco eternidades,  
quantia mais que exata,  
consciencializou ele,  
mas estava triste,  
porque só sabia isso.

Ensinaram-lhe a alegria,  
na eternidade seguinte:  
hoje é ainda mais triste.

05.12.57.

#### ROMANTISMO METAFÍSICO

Não acredito no intelecto:  
faço-me pelo sentimento,  
espontaneamente,  
como se fora o produto momentâneo de um movimento natural.  
Sei, porém, que tudo o que aqui está ortograficamente representado

é produto de observação  
de muitíssimas inteligências.

Não posso romper com nada.  
Que desilusão!

O racionalismo tudo manda.  
    A crença é apenas lenitivo.  
        A natureza é implacável.  
E tenho de sofrer eternamente  
por alguns momentos.

05.12.57.

#### A MENINA DO LAGO

Espelhei-me na água azul de um lago distante.  
Ao meu lado, refletido, pousou um rosto de menina.  
Era a verdade soberana que a todos domina.  
E disse-lhe eu: — *Quem és tu, que já tens olhar de amante?*

*Por que esse vestido transparente e cambiante?  
Procurei-te por toda a parte, subi a colina,  
Desci o monte, varei a terra, desci a mina.  
Não na achei senão aqui, na água de mim diante.*

E respondeu-me a menina desejosa  
Do doce olhar que lhe enviava,  
Entre triste, serena e lacrimosa:  
— *Pobre que sois, ó vós, que tendes consciência!*  
*Desiludi-vos: procurar-me não adiantava,  
Desde que, ficai sabendo, não tenho existência.*

05, 06.12.57.

#### DESCANSO

Já descansado da luta insana  
travada há pouco contra a usura,  
que me amargura a esperança  
do breve achar da existência,  
tateio em vão, na noite escura,  
para saber, na inconstância  
do ser que tenho em meu poder,

o que é o mundo e o que vai ser.

06.12.57.

### CONFISSÃO

A pátria,

o lar,

a família

a sociedade,

o homem ainda dando valor a tudo,

valor humano.

O transcendente está preso à matéria,

figura imprecisa,

tinta borrada,

mancha comovida,

falsa modéstia.

O crime de ser honesto diante do mal:

a vida um grande pecado.

O pobre e o rico confraternizam-se no caixão, na terra.

O verme de casaca prefere comer o corpo são do jovem.

E quem come o verme?

E o verme que o verme?!

Tudo fica.

Nada se perde.

A energia concentra-se no movimento,

que produz o homem

e o pensamento do homem

e a poesia do homem.

Pobre de mim,

pobre do mundo,

pobre existência.

Tudo vibra num só compulsar

e eu tenho sono:

quereria dormir para não mais acordar.

Por que dormir?

Para escapar ao sofrimento,

à vida,

à existência.

Como gostaria de não sofrer,

de ter a felicidade

desencaixotada de dentro de mim,

inerente ao meu ser

e ao ser que faz vibrar o mundo.

O intelecto repugna o pessimismo.

O homem precisa de Deus.

    Ou ainda precisa?

Talvez logo venha a prescindir.

O ser jamais será igual a si mesmo dentro da eternidade material.

O nada talvez solucione tudo.

Não o meu problema,

que é exclusivo meu,

não da natureza.

Haverá alma que pulse comigo?

    Como sou criança!

    Como tenho necessidades!

    Como preciso de alguma coisa!

06.12.57.

#### SANGUE

Deceparam as mãos dos cristãos,  
    mártires da fé.

Hoje a vida está parada  
    para o homem.

São os animais que morrem,  
    sangrentos.

Amanhã, nada mais morrerá:

Será resolvido o problema da morte,

Mas a vida continuará seu grande mistério.

08.12.57.

#### SEMPRE

    É tarde;

    é muito tarde.

Precisamos esquecer a existência;

    caminhemos para o nada; resolvamos desiludir-nos;  
    procuremos o além.

Talvez nada encontremos;

    talvez tudo;

mas não fiquemos mais aqui;

fujamos;  
    libertemo-nos.  
Triste condição de humilhados  
que não podem romper  
    o círculo vicioso.  
A luta está aí e trememos,  
porque sabemos que após ela aparece um  
    espectro  
        macilento e feroz;  
cadavérico,  
    que, ao menor vacilar,  
        nos apanhará para nos levar...  
Lutemos sempre!  
    Saibamos perder...  
                                17.12.57

#### REFÚGIO

Foi apenas visão entrevista;  
depois passou.  
Somente restou a lembrança  
    concreta, atual, constante, triste.  
A vontade domina o positivismo humano:  
não posso chorar como gostaria,  
    gritar pelo amor que perdi,  
        pela felicidade que passou,  
                                que se esvaiu.  
Triste condição de ser defeituoso,  
    de ter aleijões,  
        de não ser completo.  
Ela era bela  
    e é em alguma parte  
        e inteligente  
                        e viva.  
Eu, fechado em mim mesmo,  
    iludido pela ignorância.  
Grandes olhos e belos,  
    rosto delicado.  
Dentro de pouco tempo desaparecerá  
    e eu  
    e tudo.

É triste o sofrimento moral,

a dor profunda do não poder,  
a rebeldia da consciência.  
Mundo, como te poderei amar?  
17.12.57.

PAUSA

Hoje estou feliz, dentro e fora de mim, como é feliz a felicidade.  
Não sei; estou calmo, não tendo vontade de revoltas e a luta do mundo paira na  
distância.  
É estranho que eu esteja a escrever.  
Eu, um ser talvez, uma vibração  
que sente a existência.  
Tudo parou de repente.  
Sinto o peito morno, quase quente,  
uma agradável sensação de bem-estar,  
quando não há dor nem amor,  
apenas existência.  
E sou feliz, profundamente.  
Não estou preocupado com deveres nem com problemas.  
A pena é ágil sobre o papel.  
E tenho um único desejo;  
o desejo de adormecer, de descansar.  
Não quero sonhar; quero apenas transcender,  
na comunhão da paz de mim mesmo,  
a recordar coisas que não aconteceram  
e que não poderão acontecer;  
coisas vagas, dispersas.  
Invade-me a felicidade  
e tudo toma a forma de ser,  
forma intangível,  
como a própria felicidade que não compreendo.

Meu desejo mais profundo,  
aquele que está sempre comigo,  
que me ensinaram,  
é que eu gostaria de o mundo,  
ou parte dele,  
pudesse fruir da mesma felicidade,  
nem que fosse da felicidade que transmito,  
ou conto,  
ou tento comunicar.  
Realizo-me na felicidade,

dentro da inconsciência geral do ser,  
consciente dessa inconsciência,  
sem paradoxos, sem sofismas.

Agora poderia abranger o mundo, porque respiro e penso, porque sinto e vibro.  
Compreendo agora o sentido profundo de ser agnóstico,  
mas agnóstico que sabe esperar,  
sem esperanças,  
Assim como algo que se percebe ao longe,  
indefinido, incompreendido,  
que não se crê,  
que se teme, mas que se acha que deve estar lá, porque não podemos fugir  
a isso.

Hoje estou feliz,  
muito feliz, e não procurarei nada: tudo virá por si mesmo; tudo aqui estará!  
Perdooo o mundo que me fez sofrer,  
perdooo tudo,  
até mesmo minhas fraquezas,  
que deveriam ser forças.

Sou feliz, sinto-me feliz.  
Não quer dizer que estou alegre, nem triste:  
a felicidade independe do homem.  
Estou apenas feliz,  
porque me sinto feliz  
e acho que assim devo estar.  
Não quero me aproveitar da felicidade para elogiar o ser.  
Não sei fazer conceitos quando estou feliz:  
agora eles não existem.  
Tudo que me cerca está mudado,  
porque eu mudei  
e o santo que me olhava por baixo  
já se tornou um bom homem:  
talvez chegue até a santo.

O relógio que marca o tempo passante apenas faz isso: perdeu seu sentido metafísico.

A energia que move a caneta, refugiando-se na natureza, cumpre apenas sua missão.

Tudo é, e sou feliz  
e não sinto nenhum prazer,  
nem tormento:  
sou simplesmente feliz,  
tão feliz quanto qualquer pássaro,

ou som, ou átomo.  
Sou feliz, feliz, feliz, feliz, feliz,  
dentro da imensa felicidade que sempre existiu.  
Penso que, se sofresse, permaneceria feliz,  
ou se amasse,  
ou se me angustiasse,  
ou se cresse,  
ou se sofresse.

Nem mesmo o cansaço e o desejo de repousar conseguem desfazer minha felicidade.

Ela se tornará imanente ao meu ser.

Assim o prometo.

Hei de cumprir,

nem que me torne infeliz...

18/19.12.57.

#### A ANTERO DE QUENTAL, O JOVEM

Matei-me e não bastou.  
Quis ser deus; fui apenas homem.  
Não quis ser eu; sou somente eu,  
com toda a imprecisão que tenho em mim,  
frustrado,  
terrível palavra, verdadeiro estigma que trago em meu ser.  
Tudo tornou-se nada e nada é tudo para mim.

Apenas uma chama me aviventa:  
a morte próxima, que marca o fim da estrada.

Depois, quem sabe?, terei eu força para enfrentar o mundo, como todo homem,  
que está passando, como toda visão, que me espedaça.

30.12.57.

#### PANTEÍSMO

Carnaval, monturo das ilusões,  
loucura imensa da humanidade,  
reflexo do impudor e da imoralidade  
que está em nossos corações.

Vibração da multidão ensandecida,  
que grita, ri, soluça e agoniza,  
falaz repositório de aleijões

que mais e mais destrói e aniquiliza.

Brasil, povo romano em decadência,  
fraco, vil, rasteiro e impuro,  
que traz na boca o punhal do assassino,

mata-me, para que eu não sofra as tuas dores,  
teus prédios de sangue e misérias feitos,  
tua riqueza, uma mentira enorme.

30.12.57.

#### AINDA O PRESENTE

Os seios caídos, a boca esburacada,  
riso escarninho, face pintada,  
messalina das grandes multidões,  
prostituída política nacional.

Seios alvos e pontudos, boca rosada  
riso sincero e franco, face pura  
esperança dos povos de amanhã,  
iluminada mocidade brasileira.

Força, coragem, luta e vitória,  
amargas contorções do mal de agora,  
futuro dealbar de alegria.

Depois a luta esmorecida,  
a paz que virá seguramente,  
a volta final da ilusão perdida.

30.12.57.

#### TENTATIVA

Aqui estou novamente, inteiramente transformado,  
sem complexos, sem problemas,  
descarnado da metafísica,  
vivendo o momento que passa.

Na comunhão do pensamento encontrei,  
se não a plena satisfação para mim,  
pelo menos, a ilusão do amor,

através dos temores e das crenças antecedentes.

Nada, porém, espero com determinação,  
pois, se a mecânica do retorno se realizou,  
eu já estava muito na frente para recuar.

Já não manifesto a dor que sinto,  
nem tento descobrir o transcendente,  
conformado com a paz do que é.

09.01.58.

#### MINHA VIDA

Foi aquela impressão de distância que me reconduziu.  
Eu não sei onde estava, nem se estive: sinto que estou de volta,  
olhar aberto, contemplando seres incompreensíveis,  
como se o mundo todo fora outro mundo diferente.

Alguma coisa me chama para a luta a fim de vencer.  
Desconheço, entretanto, adversários, mas tenho medo de ir.  
Voltei e não quero ir. Todavia, não sei se estive, se estou ou estarei.  
A opressão do mundo é demasiadamente forte para mim.

Por isso, tento acabar com ele e não consigo.  
Repugna-me tudo e chamo-me infeliz.  
Tenho leve desejo de voltar e não de ir.

Amedronta-me a ideia de, tentando voltar, ir.  
No entanto, sei que vou voltar e assim terei ido.  
Naquele momento, tudo estará acabado ou será apenas o início.

09.01.58.

#### VIDA

Estou em caminho.  
O que estará atrás de mim?  
Não vejo nem o passado, que está aqui diante:  
como poderei saber o que virá?  
Mesmo dizendo tudo ser matéria, sempre temos a existência, tudo.

Preciso crer!

Crença intuitiva e incorpórea,  
vontade de minha vontade,

verdadeiro esquecimento.

Há ainda esperança de avançar para além.

Estou em caminho.

13.01.58.

#### NOSSO HOMEM

Duas bolas de fogo riscaram o céu azul:

eram dois espectros sinistros.

Depois, todo o azul ficou em brasa

e o que não era.

Eu fiquei sem saber se Deus ficou vermelho ou se permaneceu apenas imaginação:

tudo continuou;

tudo findará!

Que passem bolas em fogo,

que tudo fique vermelho:

a felicidade sempre será a mesma,

a essência existencial nunca refluirá.

13.01.58.

#### RECORDAÇÃO

Onde estou?

Porque sei que o espaço não existe,

não posso localizar-me.

Posso apenas saber que estou,

que sempre estive,

que sempre estarei,

porque sei que o tempo não existe.

Eu não queria voltar à metafísica,

nem voltar.

Na época atual, só posso querer olhar para a frente

e, diante de mim, encontrá-la,

porque seria encontrar a mim mesmo.

Tê-la junto como a tenho distante,

tão perto que, ao tentar tocá-la,

a toque,

e saiba que sempre a terei

para mim,

minha.

Aqui estou só,  
triste.

Necessito de algo que desconheço,  
que intuo,  
que sinto como certo subconscientemente,

e não sou infeliz:  
apenas sinto falta de coisas que nunca tive.  
E vivo,

como se ainda houvesse esperança.

11.02.58.

#### PARA QUE ELIZABETH II PASSE À HISTÓRIA

Havia dito que voltaria...  
Morreu...  
Agora não sabemos se voltará,  
porque não cremos.

O fato é que há esperança de irmos  
dispersos entre o ser,  
vibrantes ou inertes.

Entremente, aqui nós nos cansamos  
de ser monótonos, sempre iguais,  
querendo o impossível, sabendo-o.

Procurando novas energias na matéria,  
para realizarmo-nos aqui mesmo,  
sem guardar nada para o além,  
pecamos no conhecimento do que não somos.

13.02.58.

#### SONETO I

A juventude sorria em seu rosto  
e a felicidade personificava-se nela.  
Nunca havia pensado: vivia.

Depois desenvolveu a própria natureza,  
venceu: era inteiramente feliz.  
Os filhos cresciam: ela vivia..

Repousando, chegou à idade branca.  
Alegres, os pequenos lhe sorriam:  
aprendeu a paz: era feliz.  
Não se enlutou quando perdeu o companheiro.

Mas, também para ela terminou a energia.  
Hoje, é apenas a lembrança fraca  
de alguém que a chora.  
Amanhã, nem isso poderá ser.

13.02.58.

## RUMOS

Eu amo!  
E, porque amo, vivo.  
Aos poucos tomo consciência de tudo,  
de quase tudo.  
Amadurece meu pensamento,  
ganha novos horizontes minha intuição,  
abre sempre caminhos meu ser,  
embora saiba que jamais virei a saber  
o que transcende a existência material.  
Posso aperfeiçoar-me, genializar,  
esgotar, aqui mesmo, tudo o que sou;  
nunca sairei daqui,  
quer buscando novos ritmos,  
quer combinando novas cores.  
Pensar é iludir-se;  
transcender é materializar-se;  
crer é conformar-se.  
O nada é o refúgio mais seguro:  
onde não sentimos as próprias dores.  
Quem deseja o paraíso sensualiza:  
só as almas fortes e livres enfrentam o não ser; só a bondade e o amor não temem o  
desaparecimento implacável dos prazeres.  
Mas, porque temos a impressão de existir,  
intuímos novas existências;  
porque constatamos sensitivamente,  
impelimo-nos para novos mundos;

esquecemos, no entanto, que podemos,  
porque estamos limitados,  
nos tornar perfeitos em nós mesmos,  
assim, como qualquer gênio.

Inútil meu sofrimento:  
eu apenas amo e vivo,  
como tudo que não é em si mesmo.

17.02.58.

#### DESEJOS

Sou ladrão, como qualquer outro;  
sou vil;  
sou nojento;  
sou imundo,  
mas não sei mentir.  
Tenho minha parte de animal;  
talvez seja todo animal,

mas confesso-o,  
abertamente,  
para que me vejam,  
assim como sou,  
como sempre sou.

E todos são tão nojentos quanto eu;  
mais nojentos ainda,  
pois não no confessam,  
não se abrem para o mundo.

Se pudesse matar para lucrar,  
impunemente, eu o faria, de todo coração;  
sufocaria a consciência;  
não pensaria mais no assunto,  
e teria tudo que quero;  
satisfaria meu desejo de inércia,  
para poder pensar e utilizar a única arma existencial que tenho;  
adquiriria a experiência do mundo;  
acabaria com minha ingenuidade;  
abraçaria as mais lindas mulheres;  
conheceria os mais sublimes gênios;  
gozaria todos os prazeres do corpo

e todas as delícias do espírito;  
depois, acabaria com a vida.

17.02.58.

### AUTOCRÍTICA

Não gosto de falar de mim mesmo,  
mas sei que tudo que fizer será reflexo  
daquilo que quero esconder.

Não sou poeta; não escrevo poesias:  
apenas participo da comunhão dos seres  
e relato aquilo que passa por mim,  
real ou irreal, concreto ou imaginado.

A noção do ritmo não existe;  
o pensamento profundo não se revela:  
meu espírito mesquinho está fechado em si mesmo.

Mas sou bom, ou procuro sê-lo;  
desejo proporcionar alegria a todos,  
embora esteja atolado na própria ignorância.

Existir é muito sério; tentarei superar-me.  
09.04.58.

### ADEUS AOS SONHOS

Positivei-me, quando tive a ilusão de vencer:  
hoje, decididamente, entrarei na luta  
e obterei, sempre e sempre, novas ilusões,  
sustento vital de meu ser esfacelado.

Até quando? Não mais procurarei saber:  
assim é; assim continuará a ser,  
para sofrimento dos que não são completos  
e necessitam de algo para si mesmos.

Aprofundarei meu conhecimento da matéria  
e o dos outros, gastando minhas energias,  
como sempre fez o mundo ensandecido.

Tudo resolver-se-á naturalmente;  
minha poesia e eu seremos esquecidos,  
Deus também e o ser e a existência.

15.04.58.

### REFLEXÃO

O mundo (a existência) não admite conceitos; tudo é por si ou em si mesmo, independentemente do que pensamos a respeito, pois cada conceito é apenas reflexo do ser e nada é capaz de englobar a existência, porque nada será tão grande (a parte não é igual ao todo) e, se fosse, se identificaria com o ser.

Dizer que toda regra tem exceção é dar uma regra. Mas tal regra é a própria exceção. Assim, o pensamento de Bérqson: *o mundo independe dos conceitos e nenhuma razão será capaz de compreendê-lo*, é a sua própria exceção.

15.04.58.

### O INCONSCIENTE

Onde está minh'alma?  
Escuto ao longe o som sumido de uma voz que chama e é só.  
Já está se abrindo em mim um espaço,  
algo que se desprende e se perde na distância.

Minh'alma, onde está?  
Na desilusão e no vazio,  
no abismo do meu ser, irrecuperavelmente para o eu que sou.  
Adeus, menino, vou-me para longe,  
levando saudades, procurando esquecer,  
para conhecer novas irrealidades,  
para sofrer dores desconhecidas.

Adeus, juventude, adeus:  
vou-me para o mundo; vou-me para Deus.

15.04.58.

### SUPOSIÇÃO

Como o tempo passa! Já faz um mês  
que parti e nada realizei.  
Tudo vem de bem empregar as energias  
e fazer nosso próprio tempo.

Como passa o tempo! Não sei me concentrar, permanecer parado, estático diante do ser.

Perco-me nas necessidades naturais,  
como se a vida pudesse ser ultrapassada.

Não! Não podemos solucionar;  
temos de viver, simplesmente,  
e ficar tristes e cansados,  
apenas esperando o que virá.

Enquanto isso, matem e roubemos.

15.04.58.

#### DUAS VEZES EU

Parado, diante de mim, um vulto fugidio,  
a me espreitar com olhos vítreos,  
contorcendo, num riso escarninho, os lábios transparentes,  
disse:

*“Fuge, fuge.*

*Não me queiras perseguir.*

*Resguarda-te de ti mesmo.*

*Procura o esquecimento.*

*Mata-te: serás feliz.”*

*“Mentira!”,* gritou alguém no fundo da consciência.

*“Vive e ama!*

*Sê alegre!*

*A morte virá.*

*Serás feliz.”*

Serei feliz.

15.04.58.

#### DESASSOSSEGO

É noite.

Na distância, sibila o vento

e eu, parado diante de mim, a me espreitar.

Por que sempre e sempre haverá uma noite e o vento a sibilar?

Por que terei de estar diante de mim como um ladrão?

Nem sempre concordo comigo mesmo,  
pois jamais poderei saber perder.

Adeus! É tarde. Logo voltarei.  
28.04.58.

#### ERA O VENTO

Era o vento a soluçar a perda do valor,  
ao longe, junto da verdade imanente,  
distante do eu que sou e que serei:  
contínuo revolver de antigos pensamentos.

A nau que já partiu há tempos  
não sei se tornará, esguia e azul,  
como a visão do mastro que se eleva  
verticalmente na distância horizontal,  
no brilhante amarelo-azulado do ar úmido e frio.

Deus, ó Criador, experimenta-me!  
Tu que és e tens consciência disso,  
tu, conhecedor do valor e jamais enfastiado,  
por que não me levas contigo?  
Por que não te aproveitas de mim?  
Serei acaso um inútil?

Tudo nada é para mim, porque não sou humilde.  
Não estou preparado para receber Deus.  
O mundo todo ainda não merece.  
Como tudo é vago, como tudo é vão:  
incerteza, martírio e dor.  
Pedra, sempre pedra,  
sobre ti edificarei minha igreja,  
sobre ti erguerei meu santuário de devoção,  
sobre ti chorarei as mágoas de minh'alma.  
Pedra, serei igual a ti:  
insensível.  
Não! Não é isso. Pedra, não és insensível:  
tu és em ti mesma; existes em ti mesma,  
dentro de mim.

E eu serei tu;  
terei toda a tua vivência;

projetar-me-ei para fora;  
sentirei a comunhão universal do ser.  
Deus, és pedra!  
Ilusão perdida, volta!  
A nau já torna ao porto antigo.  
E eu, onde estarei?  
29-30.04.58.

## MEDITAÇÃO — II

Por que tenho medo?  
Vivo sempre me escondendo, mesmo dentro do inconsciente.  
O ser é um mistério; não basta isso?  
Será preciso que eu o complique ainda mais?

Deus, o mundo não mais se esconde de mim.  
Só tu o fazes!

Deus!, ainda hei de solucionar-te.  
Agora vagarei na distância, emprestando energias para continuar na luta.  
12.05.58.

## MEU CONSCIENTE

O emaranhado de pensamentos perturba-me a calma:  
já não sei pensar nem escrever; estou farto.  
Sinto-me cansado e distante, como se fora outro  
ou como se nunca pudesse reconhecer-me.  
Fujo e fico: nada resolverá meu problema  
porque é exclusivo meu, de minha natureza.  
A tudo pretendo dar valor, embora saiba disso.  
É estranho: há algum tempo que não me angustio,  
que não sinto a dor profunda, a aflição da existência,  
como se eu já tivesse conhecimento da verdade  
e não precisasse mais correr atrás dela.  
Sou místico, mas subconscientemente.  
Adeus, mundo velho, sempre jovem, sempre o mesmo:  
dentro em breve partirei para novos desesperos,  
pois a felicidade completa é apenas energia que se esvai,  
que se perde na impressão do movimento.  
12.05.58.

## FALTA DE PODER CRIADOR

E dizer-se que a vida é combustão energética!  
Eu, onde fico? Qual minha posição? Terei de ser passivo?  
Não sei nada. É pena! Poderia fazer algo de bom;  
sinto que seria capaz. Mas a pedra não se importa em ser pedra,  
nem a ave em ser ave, ou a nuvem, ou o céu.  
A ideia não reclama com sua natureza.  
Eu, apenas eu, sinto repulsa do mundo,  
como se tudo pudesse ser eu,  
como se tudo quisesse ser eu,  
como se tudo viesse a ser eu.

Analisando o que acabo de escrever, verifico que os problemas apresentados e as emoções sentidas são apenas transplantação inconsciente e sincera dos fatos mentais de Lucrecio. Eu, Wladimir Olivier, estou apenas aí a refletir, como se fosse outra alma do autor latino, alma esta que pulsa e vibra como deveria fazer a verdadeira alma de Lucrecio, pois o pessimismo que aqui e ali transparece em *De Rerum Natura* revela positivamente a necessidade de participação do eu de Lucrecio da existência. A intelectualização do problema abre caminhos para a luta da inteligência contra o sentimento, podendo romper o equilíbrio e bipartir a personalidade do homem em partes bem distintas e caracterizadas.

Assim sou eu:  
eu não eu;  
eu mais-que-eu;  
eu apenas-eu,  
que choro e desespero,  
que penso, que faço a vida passar por mim.  
Realidade, constrangimento;  
ilogismo, esquecimento;  
arte, envaidecimento;  
consciência, superação.

15.05.58.

## A FORÇA PSÍQUICA DO SEXO

Pensei em compor um mito,  
expressando algo profundo;  
é lamentável que não o possa fazer,  
porque seria plágio o que diria.  
Na Índia (talvez não fosse lá),  
existiu outrora (não sei se está existindo ou se venha a existir — talvez nunca existisse)

um casal apaixonado;  
e os jovens (não sei se tinham idade)  
comungaram a felicidade transitória do ser  
completos em si mesmos.  
Mas não sabiam que eram felizes  
e pensavam que tudo era natural  
e esqueceram que o mundo existia (talvez não exista)  
e que Deus existia (é o fulcro da questão).  
Consumiram toda a possibilidade de transformar energia em força,  
em prazer,  
em felicidade,  
e penetraram na inconsciência geral da matéria.  
(Não sei se ainda são felizes.)  
Eis aí o que diria se compusesse um mito.  
Ultimamente, tenho procurado a emoção  
e me desesperado por não reencontrar a poesia:  
tudo é tão prosaico;  
tudo vem tornando-se prosa;  
tudo está positivando-se,  
concretizando-se.  
Já não lembro que estou vivo:  
apenas penso;  
esqueci as feições dos rostos das mulheres que amei,  
platonicamente, é certo,  
mas amei, com toda a força do meu ser.  
Talvez ainda ame,  
mas tudo está tão indefinido,  
tão enevoado,  
Aos poucos, vou enrijecendo-me,  
vou mecanizando-me.  
Deus, faz com que eu descubra algo,  
mesmo que seja a morte.  
Eu já estou preparado para deixar o mundo.  
Sou bom. Não é tudo?  
Respeito a existência.  
Conheço a natureza.  
Sou sério.  
Estudo.  
Não são qualidades para ganhar o céu?  
Choro pelos que sofrem.  
Alegro-me com os alegres.  
Conforto os que se desesepam.  
Que mais é preciso?  
Prejudicar-me-á o suicídio?

Serei punido por dispor da vida que não pedi?  
Serei covarde?

Apenas não tenho minha companheira.  
Não sei onde ficou.  
Talvez tenha ela olhado para trás  
e o sal se desfez em pó.  
É isto: não posso esquecer a existência;  
não posso universalizar-me na comunhão da matéria.

Não sou feliz:  
eu transcendendo a natureza de Deus  
e dos homens.  
Estou fora de tudo.  
Tudo porque não me conformo com a mediocridade de meu espírito,  
com a inferioridade do meu eu, com a supremacia de  
todas as coisas.  
Deus, ajuda-me: preciso vencer-me!  
16.05.58.

#### POROSIDADE

Por que escrever?  
Porque desejo ser conhecido e admirado por todos.  
É triste, mas não deixa de ser a realidade,  
profundamente humana:  
eu simplesmente eu.  
Agora, enquanto escrevo, é sempre a mesma a intenção.  
Bem disse Pessoa, que era poeta,  
que “o poeta é um fingidor”.  
Entretanto, eu não finjo nenhuma dor,  
apenas desejo fazer-me conhecido,  
quer desvendando os segredos da matéria,  
quer conversando com Deus fora da existência,  
quer revelando a alma do homem e a minha,  
quer tentando fazer-se superar a si mesmo o que sofre.  
E assim caminho pela vida,  
ou a vida por mim, morto antecipadamente.  
O pior de tudo é que sou racionalista e pelo raciocínio destruí o racionalismo.  
Onde fico? Não sei.  
A imaginação talvez possa iludir-me.  
Era uma noite de vento frio.  
Aos lábios uma prece me veio

que dizia: Senhor, que mandas tudo,  
faze com que eu tenha o que desejo,  
faze-me conhecer a verdade,  
revela-te na augusta presença de tua eternidade.  
Deus, Deus. Estarei sendo egoísta?  
Serei um farsante?  
Deus, livra-me da dúvida;  
Deus, tira-me o medo;  
Deus, leva-me contigo;  
Deus, faze-me repousar no nada!

Que sou?  
De onde vim?  
Para onde vou?  
Por que pergunto?  
Jamais poderei responder.  
Jamais se poderá responder.  
Apenas Deus o faria,  
mas Deus não sabe perguntar,  
pois seu conhecimento está integrado em sua essência.  
Se Deus existisse...  
ter-me-ia fulminado com seus raios de fogo,  
pois duvidei  
e ainda não creio.

Tudo me leva a ser agnóstico,  
mesmo sabendo que a inteligência é matéria  
e que tudo o que possa saber é matéria,  
porque os meios de conhecimento que tenho são materiais  
e minha inteligência é apenas esforço da matéria para a organização dos seres que  
os sentidos percebem e para a equação dos problemas de subsistência.

É somente por analogia que posso libertar-me.  
Deus existe apenas por analogia  
e o homem, apenas por definição.  
Fria era aquela noite  
e torturava-me a ideia de Deus,  
Sim, Deus é apenas uma ideia  
e tudo deve ser encarado por esse prisma.  
Na distância, ouvia-se o relinchar do cavalo que lutava pela liberdade perdida.  
E as portas batiam impelidas pelo vento, a repetir o enlouquecimento de mim.  
E o navio a perder-se no horizonte, levando consigo as esperanças dos que ficaram.  
E o choro da criança a lembrar-me ensurdecidamente o tempo perdido.  
E eu a desfazer-me, perdendo-me no vácuo, levado pelo sopro rude da saudade,  
tentando buscar os valores, não sei se perdidos.

Sou poeta. Sou fingidor. Vou dormir.  
19.05.58.

#### CONTINÊNCIA

Sou tão tímido que tenho pena de mim.  
Olho para as mulheres e fujo e sumo.  
Jamais falarei perante um auditório.  
Estou quase rasgando o que vou escrevendo.  
Sinto-me necessitado de entocar-me.  
Não sei se conseguirei vencer-me.  
Talvez a timidez seja a única força real que possuo:  
causa de minha criação artística,  
medíocre, mas honesta e íntegra e sincera.  
Nunca terei a coragem de ler em voz alta este caderno!  
19.05.58.

#### INCERTEZA

Só, na profunda escuridão da noite;  
só, perdido no meio da multidão;  
só, a buscar o irreal e a fantasia.

Estar só quando se deseja o mundo!  
Tenho medo do futuro.  
Sei que não poderei enfrentar a vida,  
que não terei forças para subsistir.  
Sinto, dentro de mim, alguma falha  
e receio que não poderei vencer.  
Sou honesto demais para conquistar o mundo.  
Só, sem mulher, sem filhos, sem parentes,  
sem dinheiro, sem amigos,  
sem deus.

Só, e esta palavra ressoa na vastidão.  
Só, tudo grita, tudo freme comigo.  
Só: tudo nada é.

Minha verdadeira existência é a reflexão,  
o pensamento e a busca de Deus.  
Entretanto, não sei nem se existo.  
Ninguém sabe da existência.

Deus, aqui estou, só, diante de ti.  
Deste-me a energia.  
Não será pouco, ó Deus?  
Eu não na pedi.  
Prefiro a inconsciência.  
Por que não me deste o conhecimento?

Só, e sempre só, e para sempre.  
Aos poucos, vou entristecendo-me,  
vou aniquilando-me.  
Os valores vão tornando-se relativos,  
vão desaparecendo.

Só, e conheço tanta gente boa,  
gente que gostaria que fossem eu,  
gente que não sabe a verdade.

Só, inteiramente só.  
30.05.58.

#### EXPLICAÇÃO

Hoje passei um dia morno.  
É bem a expressão.  
Pensei e vivi fatos,  
completamente alheio de mim mesmo.  
Ainda há pouco escrevi algo que tentou narrar-me.  
Menti.  
Eu só sei mentir, nada mais...  
Chego até a mentir minha existência:  
sou um completo mentiroso.  
E agora, o que escrever?  
Mentiras!  
Para enganar os leitores?  
Criança — tudo o que escreveres serás tu mesmo, para ti mesmo.  
Então, eu direi apenas que tenho dupla personalidade.  
Aliás, como todos.

30.05.58.

#### CONVITE

Amei outrora.  
Na distância do tempo, relembro-lhe as formas:  
Cecília — seu nome.  
Não era bonita.  
Nem o corpo era belo:  
    não sei se era ou não — não vi.  
Mas a inteligência era espantosa,  
    era o que me faltava,  
    a que me falta ainda.  
Mas não tive coragem de raptá-la.  
    Nunca terei.  
Amar e penar — que destino!  
    É repugnante.  
    Está fora de mim.  
    Não no quero absolutamente.  
Mas não fui eu que me criei:  
    criaram-me.  
    Não me lamento,  
apenas registro que também tenho sentimentos  
e não sou o homem frio que aparento,  
    que o mundo conhece e admira.  
    Não é certo.  
    Não é justo.  
Tenho tentado superar-me.  
    Não sei se conseguirei:  
falta-me apenas um apoio,  
    mas meu espírito crítico jamais o admitirá.  
Como tudo é tão pequeno!  
    Como sou inferior!  
    Como sou fraco!  
Não sei por que ainda vivo:  
    não sirvo nem para me suicidar.  
Cada vez mais fechado, cada vez mais tímido.  
    30.05.58.

#### O HOMEM QUE FOI DEUS

Enquanto o trem se perdia por detrás da colina,  
cheirando o mato verde das quebradas,  
olhando o azul do céu, puríssimo,  
descobri o mundo natural,  
    o mundo que desconheço.  
Não sei apreciar o amarelo-alaranjado do pôr-do-sol,



## MATERIALISMO

O amor é um ato divino, sentimento que sublima e eleva.  
A mulher é uma nuvem diáfana,  
que nos envolve e embriaga.  
E quando tudo é ilusão,  
paz, harmonia e superação,  
quando a beleza do rosto nos faz pensar na vida dos anjos,  
quando o desejo de posse nos faz delirar e sonhar,  
aí, compreendemos o que é a vida.  
Somos, então, a própria comunhão,  
e o prazer nos mostra a antecendência,  
e o gozo, a posteridade,  
e tudo, o nada que somos.  
04.06.58.

## A FOGUEIRA DE SÃO JOÃO

Ali estava o jovem a remexer as cinzas da fogueira,  
envolvido pelas brumas da manhã,  
a recordar a alegria da noite que passou.  
Triste lágrima correu-lhe pela face  
e foi feliz.  
E eu, que passava em busca do esquecimento,  
não olhei para trás,  
não tentei ver se estava ali a verdade:  
sabia que eram apenas sonhos infantis,  
mas o quadro me tocou,  
o menino e a cinza,  
a recordação,  
a felicidade de possuir alguma coisa,  
mesmo ilusões,  
e de chorar uma lágrima de alegria.  
Por um momento esqueci-me  
e comunguei aquela felicidade.  
08.07.58.

## ECOS EXTERIORES

Tenho um motivo para viver, porque sou um campeão mundial de futebol.

A estranha vibração sentida em meu peito revelou-me a mim mesmo.  
Pela primeira vez, o esforço compensou  
e conseguimos ser os maiores jogadores do esporte nacional brasileiro do mundo.  
Somos os maiores do mundo, minha gente!  
Depois, a calma que volta,  
a dor esquecida,  
o sofrimento,  
sobrando apenas a doce recordação do gênio de Zagallo e da habilidade de Pelé,  
o pretinho malvado, ruína dos outros desejos.  
Tudo passou; também eu.  
Muito mais penoso é recomeçar.  
08.07.58.

#### MUNDO, MUNDO

Milhões de glóbulos vermelhos a se espriarem pelo universo.  
Soluçar inarmônico da moça bonita.  
Cheiro gostoso de feijão cozido.  
Mundo, mundo, que triste figura!  
Parece até o Quixote da Mancha, que nunca pensou além do que era.  
Adeus, Mundo perverso! Adeus!  
Vou-me para o além, para o intangível.  
Conheço-te pouco, mas o suficiente para saber o que és.  
Ó Mundo, adeus!  
Submeto-me à triste fatalidade determinada pelo meu livre-arbítrio.  
Sonho, Sonho, metafísica transcendente, que perdeste o sentido no ser.  
Metafísica, já não existes.  
Apenas procuro o que escrever.  
Já vivo fatos.  
Já tenho sensações.  
Já.  
Já.  
Jamais farei outra coisa.  
Vibrarei apenas,  
apenas.  
Há penas,  
e penas,  
e penas,  
apenas.  
15.07.58.

#### TENTATIVAS

Sou e não sou,  
constantemente,  
irrespondivelmente.  
A felicidade bateu-me à porta do fundo  
e não fui atender:  
tive medo.  
Eu sempre tenho medo de atender a chamados.  
Não gosto de conversar com pessoas estranhas,  
a não ser polidezas  
ou melifluosidades.  
A tartaruga, ao passear, é mais veloz  
que o acanhamento meu.  
Sopro suave de brisa a embalar minhas esperanças.  
Alegre recordação da felicidade longínqua.  
01.08.58.

#### O DOCE DO ALÉM

Outro dia, parei diante de uma vitrina  
e extasiei-me.  
Mostravam-se artigos de todas as espécies:  
monstros metafísicos para as crianças brincarem;  
sistemas filosóficos puxados por burros;  
teologias vestidas de vermelho;  
verdades de todos os tamanhos;  
teorias estéticas confortáveis e cômodas;  
deuses para todos os gostos  
etc. etc. etc.  
Fiquei com vontade de ser rico  
e poder comprar tudo aquilo,  
para possuir só para mim,  
mas os preços marcados eram muito altos para minha minúscula posse.  
Só poderia comprar algo que estava lá no fundo,  
quase invisível:  
era uma vida natural e sã.  
Preço: resignação e amor.  
Comprei-a.  
06.08.58.

#### QUASE SONETO

Não construo bezerros de ouro.  
Atrás dos aspectos, reconheço a essência.  
Sei que existo,  
com a certeza que é só minha.  
Jamais construirei bezerros de ouro.  
Atrás das opiniões, vejo a verdade.  
Existo.  
Como a estrela inconsciencializa sua existência,  
nunca poderia construir bezerros de ouro.  
Atrás do amor, previno a eternidade.  
Sou,  
como a dúvida que trago comigo.  
Sinto inveja dos bezerros de ouro.  
06.08.58.

#### NOVOS RUMOS

Quando me vi envolvido pelas auras da manhã fria  
e me arrepiei;  
quando percebi que estava só num mundo sem possibilidades  
e sorri;  
quando meditei sobre a busca vã que todos empreendem  
e chorei;  
quando me amarrotei num canto do mundo distante  
e me ensimesmei;  
quando morri sem saber disso, sem que me avisassem  
e voei,  
só então fui feliz,  
só então e sempre compreendi a amarga verdade da desilusão,  
só então compenetrei-me do desespero,  
só então vivi e amei.  
06.08.58.

#### SOTURNO — NOTURNO

Esgotei minhas possibilidades.  
Cansei-me.  
Talvez me socorra de alguém.  
Talvez vague disperso.  
Não sei.  
Procuro ainda.  
Nunca acharei.

Vi-me pequeno;  
depois grande.  
Hoje,  
não sei,  
    não sei,  
        não sei,  
            não sei,  
                não sei  
                    não sei.

Sei apenas que sofrer importa.  
Amor caminho da vida.  
Adeus, Mundo!

06.08.58.

### TRAÇO

Mais um dia que se foi.  
    Conversei enquanto esperava.  
Agora escrevo vivências,  
    e assim será.  
Medíocre.  
    Gosto de falar piadas  
e de fingir risos.  
Inferior.  
    Deixei para um amanhã a resolução que deveria tomar hoje.  
Homem como qualquer outro.  
    Não sei parar de sonhar  
        e assim vou vivendo,  
mornamente chocho.  
    Cada vez atormento-me mais.  
Sofro expectativas.  
    Temo o desconhecido.  
        E será sempre assim?  
    Deus talvez não devesse entrar aqui,  
mas que fazer se apenas vivo a pensar na realidade última,  
no que é,  
    absorto dos acidentes da matéria,  
        que também é Deus  
            dos homens,  
            de mim mesmo,  
            do animal que sou,  
            do deus que tenho em mim.  
Voltei-me para o alto,

definitivamente.  
Técnica onde estás?  
Agora vou refestelar-me.  
07.08.58.

#### PARA PODER LER ALGUM DIA

Preciso começar já, não importa o quê.  
Mas começar,  
firmar o que sou e o que possa ser,  
libertar-me das preocupações que estão para além de minha individualidade  
e ser apenas eu.  
Poesia é o que escrevo,  
mas não sou poeta:  
tenho-lhe apenas o espírito,  
como algo que ansiasse por completar-se e não pudesse.

É impossível — determinadamente impossível —.  
Vivo a remexer minha dor e a atestá-la,  
não na transmitindo.  
Sofro porque não posso  
e porque quero poder.  
Sinto um vazio enorme em tudo o que desejo.  
Tudo por realizar-se.  
Entretanto, eu só desejo a essência,  
apenas isso.  
15.08.58.

#### PARA FRENTE

Onde os sonhos meus de antanho?  
Onde a confiança?  
Onde eu mesmo?  
Onde o meu deus?  
Onde Deus?

Eu sou um homem que passou a vida a fazer bolinhas com a sujeira do nariz  
e que teme dizer isso  
e que teme que saibam disso.

Eu sou um homem que passou a vida a masturbar-se.  
física e espiritualmente,

sem jamais reagir!

Quando me lembro dos erros que sempre cometo,  
porque tenho a mesmo apenas como juiz,  
choro sentida e mortalmente  
arrependido  
e não reajo!

Estou entrando num tédio avassalador,  
com uma esperança subjetiva no que virá,  
vivendo totalmente momentos que não existem,  
sem que haja reação.

Preciso viver, ó eu mesmo,  
libertar-me para o mundo,  
fugir da mesquinha condição de encarcerado,  
librar-me nas asas da realidade,  
sofrer todas as decepções concretas,  
depois refastelar-me na vitória  
de ter escrito um livro,  
de ter plantado uma árvore,  
de ter feito nascer um filho.

Então, serei completo:  
só aí poderei parar  
e responder  
e ser chamado.

Antes devo lutar,  
talvez para nada,  
talvez para tudo,  
principalmente porque sinto que estou presente.

15.08.58.

#### CINCO HORAS E QUARENTA MINUTOS

A criança está chorando dentro de meu peito. Tudo ainda por se resolver, como se tudo pudesse sê-lo. Promessas já não me adiantam: magoam-me apenas; não são cumpridas por mim. O tédio tomou-me e já nem reagir posso. Penso e é só; e não é muito, porque o meu pensar não ultrapassa os limites de duas ou três razões que admiti ou me fizeram admitir.

Doze segundos para uma pausa e continuo.

Já não obedeço a meus instintos e desconheço totalmente o mundo natural, o que me faz sofrer e o suor frio escorre-me pela testa. Sei que vou continuar, pois já são cinco horas e cinquenta minutos.



## MAIS UM POUCO

Chiii! Silêncio! Vou falar:  
Sofro não ter voz,  
sofro não ter capacidade.  
É inútil dizer isto.  
Poética é sono agora?  
Vou viver mais algum tempo,  
apesar de ter tanto para contar  
a mim mesmo,  
ao vazio.

Adeus!

Adeus!  
A palavra quase perdeu o sentido.  
Irrito-me com frequência.  
Já não posso ser eu.

30.09.58.

## OUTUBRO

Pouco depois fui ter com ela  
e disse-lhe:  
— És bela, ó imagem fugidia de meus sonhos,  
és bela.  
E a partir de então comecei a amar a beleza  
mas nunca tive coragem de raptá-la.

Adoração,  
palavra exata,  
não amor.

Vivi depois o suficiente para esquecer  
mas só se esquece o homem daquilo que detesta.  
A memória é má companheira.  
Por isso sofro;  
apenas por isso.

01.10.58.

## PUTAS

Aquelas mulheres cinzentas,

vermelhas, que passam,  
a chamar, a pedir o nosso dinheiro  
vieram de nós mesmos,  
são nós mesmos.  
nós — homens.

São produto da mesquinha cobiça de um minuto.

Nós não deveríamos ceder,  
nunca,  
em nenhuma circunstância.

Cada vez que um homem pega uma mulher da rua estará perpetuando a mulher da rua,  
qualquer que seja a mulher  
qualquer que seja o homem.

Fique de aviso — para todos,  
para mim mesmo.

01.10.58.

#### O ESCRITO

Disseram-me outro dia — foi Machado de Assis — que eu deveria sacudir as imperfeições de estilo,

deveria buscar o ritmo,  
deveria pensar sempre.

Assim a obra seria o produto de vários homens.

Eu hoje sou um,  
amanhã serei outro:  
como retocar o que agora escrevo?

Não sei.

Sei apenas que dificilmente passarei,  
que dificilmente encontrarei valores eternos,  
universais.

É pena.

Mas continuarei como sou!

01.10.58.

#### RECONHECIMENTO

Quisera poder fazer o que tenho em mente:

dar ao cego — luz;  
ao maneta — mão;  
ao pernetta — perna;  
ao que sofre — felicidade;

a mim mesmo — a verdade.  
Mas não posso:  
eu que necessito de luz,  
para enxergar os homens;  
de mão,  
para realizar o pensamento;  
de perna,  
para caminhar as distâncias;  
de felicidade,  
para satisfazer meu egoísmo;  
da verdade,  
para ser absoluto.  
E tenho que permanecer como sou.  
Entrementes: matemos e roubemos.  
01.10.58.

#### Suntuosidade

Brilhava o pórtico esplêndido na deslumbrante fachada, as pedras cristalinas, os diamantes.  
O reflexo da luz branca, morno, quente, enchia os meus olhos de satisfação.  
Adentrei o palácio: um som suave e melodioso — mal perceptível — afagou-me o ouvido.  
Era um canto de paz vibrado em harpa: era a serenidade.  
E eu caminhei com uma sensação de esquecimento em todo o corpo:  
não parecia que estava, mas que existia, simplesmente.  
Não pisava — pairava no etéreo.  
Nada perturbava a luz; eu sentia odores diferentes.  
O néctar não deveria ser mais delicioso  
e o aroma do nada absoluto, sua própria essência, buscava a amplidão.

São zero horas e vinte e dois minutos.  
Recolho-me.  
Boa noite!

01.10.58.

#### Desoras

Antes fora eu mesmo que aqui estivera,  
antes fora.  
Por que sempre fugir?  
Vou tentar ser eu mesmo!  
Minha história: nasci e permaneci,  
pratico imoralidades,

tenho bons sentimentos.  
Sou homem, enfim  
e penso compreender os homens.  
Cri e descri.  
Hoje apenas não sei.  
Qualquer dia nascerá o fim e terei passado.

Eis aí minha história.  
Que fiz? — Nada.  
Apenas vivi — e vivi só.

02.10.58.

#### NOVA TENTATIVA

Quando o vejo balofo a fazer sorrisos,  
prometendo, prometendo  
promessas sem fim;  
quando o vejo ridículo dentro de tanta banha,  
como a personificação de um presunto;  
quando o vejo magríssimo a fazer carrancas,  
esbravejando, esbravejando  
gestos sem fim;  
quando o vejo ridículo dentro de tanta roupa,  
como a personificação de um palito,  
tenho vontade de chorar,  
de chorar pelo povo,  
pelos iludidos.

Todos são ladrões: não há exceção.  
Todos somos ladrões:  
padres, professores, políticos, pobres, poderosos...  
E eu tenho vontade de chorar.  
Mas não sou diferente deles.  
Quando me vejo pequeno a fazer vidas,  
soluçando, soluçando  
soluços sem fim;  
quando me vejo ridículo dentro de tanta burrice,  
como a personificação da inutilidade,  
tenho vontade de chorar.

02.10.58.

#### TENDÊNCIA FUTURA





saudade do futuro,  
saudade de um futuro que não virá.

Escura era a tarde de raios de sol vivíssimos cheia,  
porque eu fechara os olhos tristes e molhados  
e a saudade soluçava em meu peito,  
    coração de fé puríssima na irrealização do ser,  
    coração controvertido pela indecisão,  
                    pela ignorância,  
                    pela impossibilidade.

Fria era para mim a tarde ensolarada,  
porque a rigidez do gelo me envolvera  
e a saudade soluçava em meu peito,  
    eu que estou aqui e sempre estarei  
            e sempre fora daqui,  
            e sempre além,  
    eu que me debato na ânsia da realidade,  
    eu que estou perdido dentro da confusão universal,  
    eu sofro a saudade de querer,  
                    de poder,  
    eu estou resignado dentro da vivência imprecisa,  
    eu já não tenho decepções.  
                    08.10.58.

D. — V.

*Amor, amor, amor,  
amor que nunca se acaba,  
amor que, se ele desaba,  
fá-lo-á morrer de dor.*

Isso aí é do meu amigo Bocage:  
aquele mesmo beberrão de cerveja  
    e de outros álcoois  
    e que joga no palito a despesa  
    e paga muitas vezes.

Bêbedo,  
    inteiramente transformado,  
ele, o lírico Bocage, bêbedo,  
    e por quê?  
Porque lhe levaram a mulher que se lhe havia recusado,

porque só sabe dar amor;  
    não há quem lho dê.  
Talvez queira o impossível,  
ou, talvez, não saiba receber o amor.  
    Fato é que é lírico  
e, por isso, bebe;  
    pensa e bebe;  
    pensa, fala e bebe;  
e é o melhor contador de piadas que conheço!  
    É tragicômico —  
        ou melodramático?  
Sim, sua alma canta, vibra, transmuda-se  
    e ele sofre  
a dor mais dolorida: a dor da alma;  
    mas ri, tristemente, é certo,  
        mas ri,  
e consegue ver o bem no mundo,  
    embora não veja Deus.  
Ó Bocage, só agora consigo compreender-te!  
    Ó meu amigo,  
só agora começo a sofrer contigo,  
        pulsar junto ao teu o meu coração!  
Pérfida mulher: culta e ignorante mulher,  
que lhe custaria volver os olhos ao meu amigo,  
        levantar a cabeça para poder vê-lo, tão alto ele está?  
Seria dar-lhe a vida inteira?  
E que importância tem o fato quando a transmutação do mundo para ela ele saberia  
mostrar?  
Mulher, mulher — loira e delicada mulher —  
perdeste a felicidade quando não no quiseste.  
É pena, porque existe para ele agora o sofrimento.  
    Fizeste mal, ó mulher,  
abriste a porta da descrença ao meu amigo,  
        a Bocage,  
        ao lírico,  
        ao bêbedo de hoje.

    E como ele a seguia com os olhos,  
        e segue,  
        e o carinho de seu olhar.  
        e a vontade da súplica,  
a voz e a fala revoltada que hoje tem,  
e as injúrias que ele lhe diz...

*Amor, amor, amor,  
amor que nunca se acaba,  
amor que, se ele desaba,  
fá-lo-á morrer de dor.*

15.10.58.

### SOLSTÍCIO

Papa morto, papa posto.  
Morreu o chefe da seita católica,  
seita que se fez religião,  
religião que se fez misticismo,  
misticismo hoje superstição,  
superstição em que Deus seja bom.

Se a Igreja Católica fosse apenas misticismo,  
eu seria católico  
— integralmente —.

Mas tudo depende de tanto  
e tanto está errado,  
a partir da base,  
até a morte do papa.  
Ó papa, papas papa?  
Papas!

15.10.58.

### A DIVINA COMÉDIA OU A SANTÍSSIMA TRINDADE

Fui crente,  
fui ateu,  
fui agnóstico,  
fui tudo ao mesmo tempo,  
num só dia,  
no mesmo instante.

Hoje procuro.  
Sei que não há transcendências.  
Sei que não há corporificações.  
Sei que não poderei saber concretamente a existência de Deus.  
Sei que não poderei negá-la.  
Sei que estou presente e que deixarei de estar.  
Sei que sempre houve e haverá presenças.

Sei que fora de mim nada existe.  
Sei que, se há uma, duas e três possibilidades, há o infinito.  
Sei que não poderei saber se há o absoluto.  
Sei que há convicções e fé na afirmação e na negação.  
Sei que todas as possibilidades humanas não se concentram em mim.  
Sei que eu sou apenas eu, mas tenho de me resolver.  
Sei que sei apenas isso, nada mais.

O que sei?  
Nada sei!  
Aliás, como Sócrates.  
Mas Sócrates resolveu-se de alguma forma  
ou foi resolvido, pois passou  
como passa a folha — que se transforma —,  
assim como suas ideias — que deixaram de ser suas —.

Sou crente — sou agnóstico — sou ateu.  
E sou único — dentro da minha unidade.  
15.10.58.

PARA QUE SAIBAM QUE EU EXISTI

Chamo-me...  
Chamaram-me...  
Chamam-me...  
Mas que importa um nome (ou *nómen*)?  
Sou um homem  
e estou vivendo  
com todas as forças do eu que tenho em mim.  
Talvez as características desta farsa bastem para saberem quem sou.  
Não é necessário que me rotule  
nem que me mascare.  
Eu sou eu mesmo,  
com toda a imprecisão que tenho em mim.  
Pensei que havia esquecido,  
mas não:  
cá estou eu de regresso.  
Volto de longe:  
de mim mesmo.  
Qualquer dia me perco e não saberei mais voltar.  
20.10.58.

### INSTANTÂNEO

Bifurca-se a estrada:  
ou compro uma lambreta,  
e sigo veloz,  
ou vou a pé,  
e jamais chegarei...

Mas a estrada é uma só:  
aquela que está em minha vontade  
e em minha inércia.

Mas bifurca-se,  
como se dentro de mim houvesse dois eus mesmos.  
Verdadeiramente posso dizer que há um eu que desejo  
e outro que sou, que inclui o que desejo.

E tudo o mais paira na distância.  
20.10.58.

### MEIA-NOITE

Sofro e sou feliz,  
porque participo da natureza humana,  
integralmente.

Já disse alguém (talvez eu mesmo) que a contradição está no aspecto; não na essência.

Construo castelos no vácuo,  
e sou feliz.

Construo castelos de areia,  
e sofro.

Outras vezes olho para mim e nada encontro;  
outras, apenas areia;  
e tudo se desfaz,  
se perde,  
no ar.

20.10.58.

### DESFAÇATEZ

Eis aqui o meu agasalho contra o frio da morte:  
passo e fico.

Tenho certeza de que nunca um egoísmo foi mais intenso,

de que um amor-próprio foi mais cultivado.  
Tenho certeza de que a eternidade se curvará diante de mim, e eu lhe direi:  
*“Afasta-te de mim.  
Não macules com teu beijo meus imundos pés.  
Lava-os com teus prantos de dor, pois foste repudiada.  
Renego-te.  
Fuge... Fuge...  
se não te tornarei escrava minha.”*

Depois arrotarei perus fictícios  
e disfarçarei o gosto do feijão.  
21.10.58.

#### INVENTÁRIO

Mais um pouco e... adeus...  
Assim irei como todos,  
desejando conseguir o que todos conseguiram.  
Adeus, ainda uma vez adeus.  
E desde já deixo meu testamento poético:  
aos homens puros dou meu ideal:  
perseverança no bem;  
aos homens impuros dou meu amor:  
a vida eterna não pensa em justiça;  
aos que sofrem, meu consolo:  
a dor é a felicidade transvestida;  
à minha sombra, meu adeus:  
que encontre Deus.  
21.10.58.

#### MINIATURA

Solução de dor, nostalgia:  
saudades do futuro,  
saudades do presente,  
saudades de ter saudades.  
Assim se escoo tudo,  
como se tudo fosse líquido  
ou tudo pudesse liquefazer-se.  
Saudades de ter saudades.  
21.10.58.

## ESBOÇO

E agora José?  
A esperança se foi...  
O amor não voltou...  
A vida acabou...  
E agora José?  
Agora,  
agora é recolher-me  
dentro do mais profundo eu que tenho em mim  
e tentar encontrar a crença perdida  
e decepcionar-me com o nada da vida  
e desfazer-me no pó que sou  
e revoltar-me contra o pó que sou  
e morrer.

E agora Carlos Drummond de Andrade?  
21.10.58.

## OITAVA

Já no largo oceano navegava  
das ilusões e dos perdidos sonhos  
meu virgem coração, calmo e sereno;  
mas veio a tempestade turbulenta  
e as brancas velas de mí'a nau partiu  
e se foi; hoje o sol tudo ilumina  
mas meu pobre navio já não tem rumo:  
perdeu-se ao vir a aurora... onde estará?  
27-28.10.58.

## CONTO

Era uma vez, há muitos e muitos anos, um pobre rapaz que desejava ser feliz. Começou, então, a procurar resolver o problema de sua infelicidade e perguntou a si mesmo o que o fazia infeliz. Seria, por acaso, alguma necessidade? Não, não era, pois possuía ele de tudo. Sofreria alguma moléstia que o atormentasse? Não, tinha saúde perfeita. Ou os homens o haviam repudiado? Tampouco. E pensa que pensa acabou achando o pobre rapaz que o único motivo para o tolhimento de sua infelicidade era o próprio desejo dela. A partir de então sentiu dentro de si mesmo todas as vibrações íntimas de seu próprio ser a lhe repetir sua felicidade. Um dia, porém, encontrou ele, quando

caminhava para o além, um homem infeliz, que o prostrou do alto de si mesmo. Desde então, passou a sofrer dores alheias, conseguindo ser infeliz dentro da felicidade.

20.10.58.

#### CONCRETO—ABSTRATO

Traço comprido,  
                  compriiiiiido,  
lonnnnnnnnnnnngo,  
como se abarcasse todo o infinito;  
                  traço traçado na mente,  
                  traço que não existe;

e eu percorri todo esse enorme traço  
                  sem sair de mim mesmo;  
                  traço que me estraçalha,  
                  traço que a traça não come;

                  fuga e persuasão,  
                  desejo de traçar  
e t e r n i d a d e s.  
                  31.10.58.

#### IMPRESSÃO

Que dia quente o de hoje!  
                  O inferno não deverá ser tanto...

O que é o inferno?

                  Haverá inferno?

Todos os dias conheço infernos  
                  e paraísos  
                  e purgatórios,  
                  porque tudo é criação do homem  
                  e eu sou homem.

Que dia quente o de hoje!  
                  10.11.58.

## RUMOR—TREMOR

Os roucos sons dos tambores e atabaques soavam ao longe,  
formando o fundo macabro da dança e dos requebros.

E os sons cresciam, cresciam, cresciam;  
e o movimento aumentava,  
aumentava,  
aumentava,

mas, aos poucos, foi voltando a calma e a mansidão  
e eu percebi que nem tudo estava perdido.

Logo depois, cheguei a ser feliz e sorri e normalizei-me,

mas tudo voltou a ser som e movimento  
e tudo vibrava e tudo se movia.

Mas EU continuei a SER FELIZ.

10.11.58.

## SOLUÇÃO

Vou contar a verdade inteira:  
estou vivendo apenas para escrever  
e poder dizer aos outros que existo  
e poder dizer a eles que existem  
e que a vibração de tudo está em tudo.

Mas como faço mal!  
Como me iludo!  
como fujo de mim mesmo!

E como isso me dói!

É como se eu quisesse um filho e não tivesse sequer uma mulher.

E esta página?

Servirá apenas para o riso de alguém, que não acreditará em mim.  
e que talvez não viva sequer para escrever  
e não saiba que existe.

10.11.58.

## REINCIDÊNCIA

O mundo lá fora está a ferver:  
marechais e generais e duques  
e homens  
e bombas e forças energéticas  
e vírus e destruição,  
tudo continua a marcha da vida.

Cá dentro de mim tudo ferve,  
como se tudo que tenho vivesse...

Mais um pouco,  
sempre o figo,  
mais um pouco,  
e adeus.  
Bem se vê que espero  
e, enquanto o faço, pereço,  
porque a ideia da morte me acompanha,  
porque eu sou a própria presença da morte > como simples destruição  
e não como esperança,  
muito menos como redenção.  
10.11.58.

## INTELIGÊNCIA É ASSOCIAÇÃO DE IDEIAS

O homem engana o homem,  
rouba-o,  
mata-o,  
como se tudo fosse do próprio homem!  
Engano. Não podemos crer em nós mesmos pois somos pó.  
Roubo. Perdemos em nós mesmos a bondade e a felicidade.  
Morte. Somos nossa própria sepultura.

E eu apenas consigo perceber isso,  
nada mais.  
É uma perfeita dissociação do eu:  
o idealista e o prático;  
o idealista que não é nada;  
o prático que é idealista.

Ora, adeus.

10.11.58.

## PESSIMISMO DE HOJE

Por que o cansaço anula o poder do homem?  
Eu estou cansado e não consigo pensar.  
Como melhorar o homem?  
Não é possível fazê-lo!  
O homem está fechado,  
premidado,  
empurrado para dentro de si mesmo,  
limitado por todos os lados.  
Talvez seja apenas lados:  
massa amorfa e perdida num mundo de vidas sublimes,  
pedras, pedras,  
minúsculas.  
Tudo acima de nós mesmos.  
10.11.58.

## NÃO POESIA

Eu não quero reminiscências literárias;  
quero apenas encontrar a mim mesmo,  
descarnado dos preconceitos,  
desnudo de ideias,  
apenas eu,  
assim como transpareço em tudo o que faço,  
mais nada:  
eu como parte integrante da existência,  
como um ser.  
A palavra continuará sua função?  
Não sei:  
tentarei retratar-me.  
Pairo nas profundezas de mim mesmo.  
Não vejo origem ou fim — sou integralmente.  
A circunstância do mundo vai ficando cada vez mais dissociada de mim.  
E eu vejo o mundo dentro de mim.  
Agora me deu dor de barriga.  
19.11.58.

## POESIA DE SETE MINUTOS

Comecei o dia de hoje escrevendo poesia.  
Depois fui dormir.  
Depois sofri tudo o que sofro todos os dias.  
Estou acabando o dia e procuro novamente a poesia.  
Assim será minha existência:  
antes era poesia;  
depois vivi;  
depois virei a voltar a ser poesia,  
como se tudo fosse poesia e a vida, apenas um hiato,  
como se o influxo existencial refluísse um instante.

O que é poesia?  
Quem saberá?  
Eu só sei que os mortos sabem ou aqueles que ainda não vivem,  
como minhas avós,  
como meus filhos.

19.11.58.

#### OUTROS SETE MINUTOS

Marmóreo, o mar murmurava sereno doces melodias de paz  
e eu, inebriado, contemplava as ondas suaves e monótonas,  
a cismar mundos estranhos e perenes existências,  
quando tudo um tufão turbilhonante transformou em dor  
e um abismo de trevas me envolveu e me arrebatou.  
Agora volto a me extasiar diante do mar embalado pela brisa,  
mas estou roto: tudo que tinha tomou-me o tufão  
e já não sei acenar com a esperança para os sonhos de meu ideal.

19.11.58.

#### TRÊS TERCETOS

O momento social é de agitação  
e eu vivo concentrado em mim,  
como se o mundo fosse coisa sem importância.

A carestia faz o povo sofrer  
e eu me cevo física e espiritualmente,  
como se a vida fosse uma ideia otimista.

O cidadão começa a revoltar-se

e eu a me debater com problemas metafísicos,  
como se tudo pudesse ser dissociado.

29.11.58.

### ANÁLISE

Cada qual em seu galho, como os macacos,  
que não olham senão os rabos alheios.

As brancas cabras pastavam no verde campo,  
sob o azul do céu,  
e a mancha vermelha do sol  
fazia a terra pingar água para cima,  
quando a morena desnudou seus róseos seios  
e dançou para mim a melodia do amor,  
contorcendo-se num ritmo de luxúria.

Depois veio a mim e eu perpetuei nela a existência humana.  
Quando acordei, senti novamente a opressão de ser e um sentimento de fuga me  
envolveu, fazendo-me esquecer os sentidos.

Agora, fiquei do lado de fora,  
onde não há o que conheço,  
onde está o que procuro,  
apesar de inutilmente,  
pois, sem minha essência existencial de hoje,  
tudo foge de mim  
e vácuo,

só

vácuo,

tenho em mim.

Assim, quando a morena de novo me veio procurar,  
percebeu o esfacelamento de minha vida animal  
e chorou

porque ela me ama integralmente  
e eu estou além de sua compreensão.

29-30.11.58.

## AGORA

Eu gostaria de poder falar a todos e lhes dar o que sou.  
Assim viraria outros eus  
e seria maior que o mundo.  
Eu gostaria de ser gênio e poder compreender a existência.  
02.12.58.

## ATENÇÃO

Eu tenho a solução para o Brasil.  
Cada um deve fazer profundo exame de consciência  
e verificar que o mal está dentro de si mesmo  
e que a sua cura será aquela do país  
e que o mal de agora é o mal de sempre  
e que a melhora de um deve ser a melhora de todos.  
02.12.58.

## MIAU 1.º

A glória de saber javanês  
ou grego ou latim...  
O mundo jamais consciencializará valores eternos  
e seguirá como carneiro os sábios de mentira  
que buscam encontrar na Terra remédios para o Céu  
e, no Céu, aquilo que nós temos em nós mesmos.

Eu conheço a poesia do mundo  
e já diviso o que virá,  
embora ainda deseje ficar mais um pouco.  
Tudo, entretanto, se transforma  
e eu me perco nas brumas da existência.  
15.12.58.

## PRINCIPIANTE

Submetido à minha própria vontade,  
falta de forças,  
só, conversando comigo mesmo,  
vesgo, quase cego,  
a honestidade não constitui virtude mas obrigação.

Gordo Adhemar de Barros.  
Mas que grande mascarado!  
Será que ele não vê que não está cumprindo suas obrigações?  
Mas, no fim, tudo dá certo, como diz  
o Marcos Witckower.  
23.12.58.

#### PROSA

A vida parece a muitos de somenos importância.  
A mim é a maneira do conhecimento da existência.  
Às vezes me extasio e tudo perde seu valor relativo  
e tudo se torna tudo, como se eu fora absoluto.  
É um movimento em que não há relação sujeito—objeto:  
tudo é e eu paro de pensar.  
Não é sempre que me acontece e, mesmo agora, não é o meu estado.  
É estranho isso; é algo além de um apanhado psicológico;  
parece não ser material.  
Talvez seja a inspiração dos poetas ou as visões do místico.

É preciso descobrir o que seja.  
25.12.58.

#### NO LIMIAR DA ETERNIDADE

Dia de Natal, últimos minutos, 1958,  
Pensemos nos pequenos, nos humildes.  
Eu não sou pequeno?  
Não sou.  
Eu sou um gênio;  
e nunca fui humilde.  
Quando Jesus peregrinava e ensinava, somente uma força o movia:  
o estudo dos homens e sua miséria.  
Por isso, ele se sacrificou,  
conscientemente,  
por todos nós,  
pensando em nós;  
e ele sabia que éramos necessitados de crença;  
e ele foi místico,  
aparentemente.

## AINDA A PROSA

Eu não consigo compreender por que não alcanço a forma artística. Agora há pouco, propus-me a escrever alguma coisa que fosse mensagem aos homens e só consegui expressar movimentos mentais interiores, sem qualquer valor para o mundo. E a impressão era um dos meus objetivos, uma de minhas vaidades. Será que preciso da ajuda do carinho e da ternura de alguém, que me incentive e me dê forças para enfrentar o mundo? É quase certo. Tenho em mim, em potencial, enorme capacidade de amar, além de ser virgem, mas falta-me a quem dar-me inteiro. Há estrelas no céu, a Lua, porém, ainda não apareceu. E eu, sem Lua, não sei viver.

25.12.58.

## OUTRO SONETO APARENTE

Soavam as trombetas dos anjos anunciando o juízo final.  
Na imensidão de um espaço que não existe,  
As lamentações não se faziam ouvir  
E uma multidão que se não via estava se bipartindo.

Eu, louco, desvairado, caminhava com o rosto sereno  
e dirigia-me para a eternidade do mal, voluntariamente,  
tendo consciência da minha fraqueza na vida,  
julgando não ter feito o que me levasse ao céu.

Subitamente, um anjo de luz, todo branco, visível,  
dirigiu-se a mim e conduziu-me para junto de Deus  
e eu não compreendi por que, quando ouvi o intangível:

“As fragas do mar batiam revoltas no casco da nave;  
não havia salvação. Apenas o comandante escapou porque fugiu:  
não cumpriu seu dever de homem, mas o de existente.”

26.12.58.

## INICIAÇÃO

O vento impelia a nuvem branca no suave azul do céu,  
cumprindo seu dever determinista.  
Era assim que o anjo tangiu a harpa celeste, produzindo sons inaudíveis.

As alvas ovelhas pastavam no distante verde da relva,  
procriando motivos de vida.  
Os cristalinos risos dos deuses homéricos não seriam mais felizes.

A branca franja rendada do verde mar se perdia no horizonte,  
subsistindo em instantes eternos.  
Depois da morte, as Valquírias não acalantarão mais docemente meu ser.

Estava eu naquele momento recostado na praia,  
vendo perder-se na distância a brancura da areia,  
experimentando o brilho dos raios solares,  
tentando resolver os problemas do mundo.

Havia em mim, entretanto, uma alma que se debatia,  
sofrendo as angústias de não saber o além,  
lutando contra seu próprio fraco poder,  
ruindo totalmente diante do inexorável.

E, naquele recanto perdido do mundo, eu só via a solução da morte,  
quando três vozes atroaram, fortes como a existência

e disseram:

“Eu sou o tangível. Se me amares, dar-te-ei a experiência.”

“Eu sou a lógica. Se me amares, dar-te-ei o conhecimento.”

“Eu sou a crença. Se me amares, dar-te-ei a esperança.”

Depois se fez profundo silêncio e a meditação envolveu minh'alma  
e eu divisei a solução final: não era a experiência ou o conhecimento ou a  
esperança.

Era o amor

e o amor redimiu meu ser para todo o sempre.

09.01.59.

### PROPOSIÇÃO

Agora, quando começo a viver  
e já dissocio o fantástico do real;  
agora, quando já vai longe o tempo do crer e do descrever,  
e já resumo em mim fatos do existir;  
agora, vou encetar minha epopeia.

Planos? Não os tenho! Para quê?

Existo; eis tudo. Há apenas uma presença que se alonga e é só.

Ao meu lado está o amor, que me acompanha,

e o desejo de servir, que me informa.

14.01.59.

## À ESPERA DO ALMOÇO

É manhã. O brilho do sol tudo ilumina.  
As mulheres saem à rua a comprar  
e falam, e gritam e berram, numa tagarelice de pasmar.  
Os meninos brincam. Os homens trabalham.

É a vida que palpita nesta cidade feliz.  
Há vinte milhões de anos, a vida talvez não fosse isso  
nem será isso daqui a vinte milhões de anos!

O que é a vida?  
Esforço de consciencialização do ser?  
Ou apenas estado acidental da transcendência divina?  
Serão feitas essas perguntas quando tudo estiver mudado?

O que eu sei é que a vida existe  
e é uma necessidade orgânica constante  
e é uma longa tendência para se livrar da morte,  
num prolongamento de gerações subsequentes.

Um dia, haverá seres imortais sujeitos apenas aos acidentes.  
Serão felizes?  
Ou haverá apenas imortais—suicidas  
e a felicidade tornar-se-á um sentimento humano perdido na história dos tempos?

(Hoje é um dia feliz e penso infelicidades que desconheço.  
O homem é um jogo de contrastes!)  
17.01.59.

## BRADO

Ver a morte de frente e não tremer;  
desprender os laços mortais sem temer o porvir;  
caminhar sereno para o além...

Ser feliz cada dia que passa sem angustiar-se;  
fruir a energia totalmente e não dramatizar;  
integrar-se no movimento universal...

Ter em si apenas o bom e o belo e não perturbar-se;

esquecer percalços e tormentos sem enganar-se;  
amar igualmente todos os átomos...

Dar tudo de si e mais ainda sem orgulhar-se;  
admirar o homem e o mundo e não menosprezar-se;  
encontrar a essência do existir...

É ser eterno em partes iguais.  
23.01.59.

### PRESSÃO

Infâmia!  
Desde quando o homem pode romper a lei do perdão?  
Então, Jesus não tornou claro esse caminho do coração humano?

A vingança é o sumidouro dos bens de todos  
e bem poucos o compreendem...

Quem mata é um doente:  
deve ser curado e não morto!  
Se todos dessem o apoio de si mesmos,  
se todos vissem o mal de se estar calado,  
se todos tivessem boa vontade,

haveria sempre paz na terra,  
pois o mal está em cada um  
e em cada um está a salvação!  
23.1.59.

### REFLEXOS EXTERIORES

Antigamente, quando o tempo ainda não existia,  
quando o amor dominava os ideais humanos,  
quando Jesus saía a pregar aos pecadores,  
nesse tempo, era eu ainda uma criança  
e não compreendia a suavidade do perdão  
ou a força titânica do que é belo e bom.  
Eu apenas vivia e a mansidão me cercava.

Hoje, já não mais me conheço e vago disperso,  
suplicando a cada ser uma solução

e nada encontro, nada vejo, nada percebo.

Saí em busca das raízes de mim mesmo  
mas nem aí estava a verdade do mundo;  
chorei, gritei, angustiei-me, mas foi tudo em vão.

Amanhã, quando a carne de minha carne,  
produto irreduzível de minha essência material,  
estiver integrando-se no todo do universo,  
amanhã, talvez, haja alguma esperança.

03.02.59.

#### TOMADA DE POSIÇÃO

Sacudi de mim ideias de grandeza,  
torturas de uma época distante.

Agora desejo apenas ser útil,  
tornar escritos e falas coisas proveitosas  
e gritar para o mundo sua ignorância.

Ainda tenho em mim ideias de grandeza,  
porém, úteis.

Eis aí utilidades intrínsecas:  
a auto-análise e a autocrítica.

03.02.59.

#### FIDELIDADE A MIM MESMO

É chegado o tempo das resoluções  
e já compreendo que pouco vou poder.  
Sou como sombras.  
Sei isto;  
nada mais.  
Como fazer o homem viver acima do que é?

Ouçõ ao longe o trovejar do porvir.  
Sinto que a maré da vida vai subir  
e eu irei afogar-me.

Onde a nau que tinha eu para enfrentar a fúria dos turbilhões?

Onde a coragem da luta?  
Onde a resignação da derrota?  
Será que sempre terei de sofrer as angústias do que não é em si mesmo?

Eu só sei ser como pedra:  
inerte dentro de minha constância individual.  
Um dia, uma pedra viu um crime  
e nem por isso deixou de ser pedra.

Transição.  
Soluçava eu impotências;  
premia o que sou e sofria revoluções morais;  
sucumbia.

Foi aí que se chegou a mim uma mulher vestida de luz,  
branca como a paz,  
serena como a pedra,  
sublime como o ideal.  
Tomou-me a mão e sorriu-me;  
pôs-se a andar e eu a acompanhei,  
para o além,  
para cima daquilo que sou,  
para onde não há resoluções.

Ela era o amor  
e o amor foi a redenção.  
05.02.59.

#### RETORNO

Que este seja meu canto de felicidade!  
Encontrei-me a mim mesmo  
ao saber que a luz me ilumina  
e que vivo entre homens — meus iguais.

Do fundo do abismo, eu clamei  
e escutei-me a mim mesmo  
e ressurgi de entre os mortos.

Sinto agora que subo a trilha perdida da paz em busca do além.  
07.04.59.

## O TORRÃO NATAL

Volto para dizer que estou presente ainda.  
Até quando?  
Não sei por que o tempo deva ser contado.  
Acho que o que é é: independe do que possa vir a ser.

Houve um tempo em que eu sentia mais de perto a profundidade.  
Agora, tudo ressoa longínquo: só o rumor do desconhecido chega a mim.  
Valha-me o esquecimento e a multicolorida impressão do mundo.  
Ah! Quanto não daria eu para saber — a alma, se tivesse.  
Terei?

Por que pensarmos coisas duplas?  
Hoje estou interrogativo. Por que será?  
05.05.59.

## SONETO EM RÉ BEMOL

Emudeceu em mim o grito da existência.  
O leão que eu nutria já não ruge mais.  
Tudo são sombras dispersas, perdidas no ser  
e a perspectiva de uma vida contínua a se estender.

Duplicidade de um organismo mental distorcido,  
sinto em mim e um já supera o outro esmagadoramente,  
como se o cordeiro fizesse calar o leão,  
só pelo fato de deixar-se comer por ele.

O que é precívél e humano cerca-me implacavelmente  
e restringe e torna agonizante o que tenho de melhor no fundo:  
a consciência do além do andar, estar e agir.

Submeto-me e pereço como pereceria em outra parte  
e tudo que permito ao ser que está em mim  
é, às vezes, revelar que existe substancialmente.  
17.05.59.

## SOLUÇÃO INTERIOR

Antes da vida comprida, sem fim, que levava no antro de Deus,  
era como se fosse um vazio que eu não sentia em mim

nem nos seres dispersos pelo eu do universo em torno, junto, integrado em mim.

Depois veio Deus e tudo passou a ser o que antes não era  
e a dissociação se deu de maneira conforme.

Agora tudo parece pequeno e tangível diante de nós  
e tudo longe de nós parece distante como o irreal.

E a carne se fez verbo e inexistiu eternamente.  
Angústia, choro, criança perdida no vácuo luminoso do espaço irreal.  
17.05.59.

### LENTO

Brincava eu de existir pachorrentamente,  
até que o vermelho e o azul me envolveram  
e eu divisei,  
sim, divisei,  
e foi a minha perdição.

Hoje, ridicularizo-me,  
ironizo-me,  
rio-me,  
como se tudo fora o que sinto  
como se tudo pudesse ser como sinto,  
como se tudo tivesse de poder ser sentimentos.

E não quero ser romântico.  
E penso com o coração.

Brancos cordeiros das verdes relvas,  
que fazeis?  
Vivo como se não vivesse:  
só compreendo que mais tarde deverei compreender  
e esse é o tributo do eu.

Nasci assim;  
morrerei assim,  
sem pensar talvez que a morte exista  
e que exista o depois-da-morte.

E depois virá alguém estudar minha grafia para saber se sou isto ou aquilo, como se  
eu não contasse aqui o que sou.  
Ironia do destino sofrer o que não dói,

o que não machuca,  
o que não arde;  
sofrer dentro do sofrimento.  
Quando me vi ao espelho e solucei caretas ridículas,  
querendo talvez mostrar-me a mim mesmo,  
de acordo com um pensamento que não estava em mim,  
notei que o espelho mentia.

Compreendi que aquilo não era o que é  
mas o reflexo,  
talvez mesmo o reflexo de um reflexo.  
Chega!  
O ruído das coisas exteriores me ensurdece.  
Prefiro ir morrendo aos poucos,  
assim,  
como qualquer mortal,  
e depois ser enterrado,  
assim,  
como qualquer morto.

Calava em mim tendências diversas;  
sofria o inconsciente  
e não entendia.

Hoje existo,

por que tudo me diz isso,  
porque penso assim,

porque acho que deva ser assim.  
Amanhã talvez nem pensamento exista  
mas hoje eu existo,  
com todas as forças que tenho em

**mim.**

Minh'alma flutua.  
Eu, aos poucos, vou parando,  
cessando,  
inconscencializando,  
porque moro em mim  
e não posso fugir a isso.  
E eu que queria ser o Universo!

06.06.59.

## TAPETE

Um floco branco de lã que baila no ar,  
um sorriso azul na face clara do menino loiro,  
um toque de sino da torre distante,  
um bafejar morno da suave brisa da tarde,  
uma doçura avermelhada que vem da maciez do pudim,  
uma essência aromática das rosas vermelhas do jardim...

O ferro retorcido do trem descarrilhado que pôs lágrimas e fel no coração e nos olhos,

o corpo mutilado da criança sem vida jogada no chão da gare...

A vida esquecida do homem que passa na rua e não sabemos quem é, a face inexpressiva do condutor dos bondes elétricos, a multidão apressada dos homens...

As camadas profundas da terra e do ser...

17.06.59.

## BONECOS

Perdi a memória de mim:  
não sei quem sou,  
para onde vou,  
de onde vim.

Caminho perdido buscando encontrar-me.

Pronto! E agora?

Agora é esperar!

Esperar a morte e a vida;  
a realização independente do ser,  
a consequência do existir.

Como esperar?

Suicidando-se?

Ou deixando-se morrer lentamente através das buscas angustiosas das verdades iminentes?

Não sei.

Talvez escrevendo poesias!

17.06.59.

## UM DIA

Não sei o que escrever para mim mesmo:  
sinto o presente como o vermelho da tinta.  
Ao meu lado, brilha um foco luminoso

e seguro na mão esquerda a brancura de uma bolinha de pingue-pongue  
e causo o ruído repetido de encontro à mesa.  
Há um cheiro de bolo no ar  
e uma brisa tênue e quase morna passa por dentro de mim.  
Vou levantar-me por instantes. Um momento, sim?!  
Volto depois de alguns segundos.  
Além dessas sensações, há outras secundárias que chegam a mim,  
bem como alguns pensamentos de existência e de vida.  
Na estrada que deverei caminhar, aguarda-me um vazio tão misterioso quanto o  
momento presente para todo o passado.  
Meu pensamento insiste em voltar-se para aqueles que já trilharam seus caminhos  
e pergunta: — *Persiste para eles o mistério?*  
Quão triste é não ter certezas!  
E eu não estou certo nem daquilo que sinto: porque o presente, quando chega a  
mim, já é passado  
e eu sou um homem sem futuros.  
Como se vê, eu sou dono do que sou  
e não sei o que sou,

porque acho que a consciência do ser deve ser inconsciente e sei isso  
conscientemente,  
Gastei quinze minutos de energia escrevendo isto que de nada me serve agora,  
mas sei que, no futuro, virei até cá.  
Para verificar minhas sensações?  
Não! Para sentir minhas emoções.

Por que não acabar com as sensações?  
Para poder seguir tendo emoções, que são a vida e a existência.

29.06.59.

## PRONTIDÃO

Suprimir-me,  
acrescentar poderes ao vácuo,  
caminhar perdido no além,  
sonhar,  
arremeter-me para o fundo de meu coração,  
arrasar a memória do ente que fui,  
ansiar novos rumos na vida,  
sorrir,  
apartar-me do amor de maneira horizontal,  
conhecer o que passa,  
satisfazer emoções sentidas

corar ao sol o gesto,  
partir,  
sofrer o amor de tudo,  
falar o mundo ao mundo,  
cometer qualquer ato sem razão,  
estagnar-me putridamente,  
idealizar idealismos ideais,  
desejar,  
inquirir a nuvem que passa e sua brancura,  
arrastar os molambos de gente,  
pasmado diante da identificação e seu poder,  
fazer-se humano,  
ruminar pensamentos incompreensíveis e irrealis,  
analisar o inconsciente,  
influir na marcha do ser,  
calcular a fúria da sabedoria,  
morrer,  
flutuar no espaço e em mim mesmo,  
sucumbir aos ímpetos divinos,  
chorar perante a impotência,  
revoltear imprecisões concretizadas,  
gargalhar atrás das misérias,  
fulminar-me,  
desaparecer no nada,  
fazer-me eterno e bom,

é ser eu mesmo.

30.06.59.

## ÍNDICE

Agora ou nunca mais...

Resolvi-me:

vou calar-me,

para não descobrir o que sou

e o que é aquilo que é ou que deve ser.

Mas é inútil:

o mundo permanecerá impune pelo fato de ter-me criado,  
de ter criado,

de ter podido criar.

Oh! Que belo momento

e que vontade de ser outra coisa,

para poder dormir e sonhar!

Antes de ontem, eu não sabia que era;  
e era feliz;

hoje, amanhã, depois de amanhã,  
sempre...

Há alguma coisa nova que paira no ar,  
algo parecido com música,  
mas não tem ritmo  
nem som

nem nada  
e, no entanto, existe,  
com todas as forças de minha ideia.  
Talvez seja Deus,

ou o pai dele.

Blasfemo sempre,  
sempre tentando forçar uma reação qualquer,  
sem medo do sobrenatural,

mas nada se revela,  
porque tudo teria de se corporificar,

e o que é corpo não é espírito:  
é só uma presença,

e presença como eu.

Valha-me a fúria:  
sou como pensamento.

Sofro  
e não deveria,  
porque espero,  
e espero em tudo,  
como se houvesse alguma solução.

Haverá alguma?

Qual seria?

NÃO SEI!

NÃO SEI!

E NEM ISSO SEI!

O corpo, ao morrer, fará desprender de si alguma coisa,  
se não algo como alma,  
pelo menos, a vida.

E depois?????????

Depois haverá uma cova escura para que possamos não ver  
e as lágrimas daqueles que ficaram.

E só.  
Antes de recolher-me a mim mesmo,  
gostaria de resolver-me.  
Sou capaz? De quê?  
De alguma coisa, por certo.

NÃO SEI!  
NÃO SEI!  
Falar-me a mim mesmo adianta?  
Ou será preciso ouvir apenas o que os outros dizem?

Já me está falhando a ideia,  
porque estou vazio

e não consigo organizar-me  
e tento ser violento  
e extenso,

como se fora alguém que estivesse descobrindo algo de valor.  
Tantos já souberam que a vida existe  
e isso não é novidade

nem mesmo para mim.  
Já vejo que estou fechado  
e não há mais trilhos por onde fazer passar meu trem.  
E vou sumindo.  
Mas sei que estou.  
E vou desaparecendo,

embora permaneça.  
Intensa era a vontade de realizar literatices ou mesmo algo sério,  
mas falta-me o essencial: a alma de artista,

que freme diante do vazio das coisas  
e eu apenas reconheço a minha pessoa,  
egoisticamente.  
Traque, traque, traque, traque...  
Partiu meu trem e já vai longe, buscando seu rumo.  
Mas é o rumo que eu não sei qual seja!  
Não faz mal:  
talvez um dia eu venha a saber  
e, se não souber,

que diferença faz?

30.06.59.

#### POSTERIORIDADE

Quando eu for embora, não fiques sozinha:  
Arruma outro alguém que te possa fazer feliz.  
Sê mortal e cumpre os desígnios do ser:  
Eu saberei a verdade e a morte das coisas.  
Quando eu for embora, não te esqueças de mim:  
Consciencializa a minha presença passada.  
Vive a felicidade por dentro com outrem:  
Eu estarei ali abençoando o amor justo.  
Depois tu também partirás e eu, então,  
Através da luminosidade do bem em si,  
Receber-te-ei para mim como hoje.

Depois seremos um em dois, fora do espaço:  
Tu, em branco, me puxarás pela estrada  
E eu conhecerei o desintegrar do amor.

06.07.59.

#### OUTRORA

Há ali um cigarro aceso  
e um filete de fumo se eleva no ar,  
formando figuras brancas no ambiente cinza.

É um cavalo que está no ar,  
qual Pégaso imaginado.

É Ícaro que voa.  
Tudo é minha fantasia.  
Não existe cigarro ou fumo ou cavalo ou literatura.  
Existem apenas lembranças de ilusões.  
Existe um ruído no ar.  
Existe uma cor azul.  
Existe uma caneta.  
Existe tudo dentro de mim.  
E eu não sou nada.

06.07.59.

## DECEPÇÃO

Cheguei atrasado e sei bem o que isso significa.

Cheguei atrasado.

Entretanto, eu nunca chegaria atrasado se o tempo refluísse.

E eram borboletas a revoar,  
rindo-se,  
felizes.

E eu fiquei a distância,  
como se aquilo não fosse comigo.

Eu nunca fui  
e apenas poderei no mundo dos desejos

ser uma borboleta colorida.

08.09.59.

## BOLETIM BIBLIOGRÁFICO

Escrito no *Instituto de Estudos Portugueses*, sob a influência da presença de muitos livros e de uma secretária não muito inteligente.

Lá estava ela a possuir integralmente o que era seu no íntimo e tudo flutuava na transparência da manhã.

Valha-me a morte; valha-me a morte!

O soluço daquelas estantes a suportar inteligências prensadas.

Ainda antes de eu chegar, viviam; agora são multidão amorfa.

Quando eu estava plantado e minhas raízes sugavam as profundezas da terra, havia flores.

Mas arranquei-me a mim mesmo e hoje sirvo de esterco a outras plantas que enfrentam o vento.

Visões de janelas distantes,

visões desejadas,

visões que sofreram transfigurações,

visões daquilo que é e vale por si.

A realidade fez uma concentração e me envolveu

e eu achei-me diante de mim,  
aqui, onde o ruído é pouco e as impressões quase nulas.

Valha-me a morte; valha-me a morte!  
E eu fiquei parado a chupar o dedo, ansiando ganhos impossíveis.  
22.09.59.

#### APÓLOGO

Perdido na distância do tempo, em lugar já de todo esquecido, vivia um jovem pastor a pastorear ovelhas. Tinha ele, como trabalho específico, de cuidar das ovelhas pequenas, que eram muito travessas. Apesar disso, contanto que elas não fossem pastar em terras de outros donos, cujo alimento lhes faria mal, tudo o mais lhes era permitido pelo pastor.

Um dia, estando o rebanho reunido a comer, várias ovelhinhas, sorratamente, foram a lugar proibido, porque, talvez, lhes parecesse mais gordo o pasto. Mas o pastor, atento, descobriu-as, trouxe-as ao rebanho e, com grande dor no coração, castigou-as diante das outras, que ficaram espantadas, porque não sabiam que a falta era grave e que o castigo deveria ser rude. As ovelhinhas, inexpertas ainda do mundo, tomando para si as dores das irmãs e julgando-se injustiçadas, ficaram indignadas com o sucedido e amaldiçoaram o jovem pastor, na crença de que fortaleceriam o rebanho com a defesa das que erraram.

O pastor, por seu turno, na fé de ter agido corretamente, porque, talvez, não conhecesse bem a natureza das pequeninas criaturas, supunha que tivessem aprendido a proceder de maneira certa e digna.

O espaço de uma noite fermentou as ideias. Na manhã seguinte, tendo o pastor se dirigido, como de costume, ao local onde se reuniam as ovelhinhas, encontrou-as arredias e, ao mesmo tempo, furiosas. Uma delas, mais ousada, a que havia insuflado nas outras a ideia de revolta, fez cair do alto de um penhasco uma pedra que atingiu o pastor no rosto, fazendo-o sangrar. O pastor de nada sabia mas o gosto do sangue que lhe escorreu pelos lábios fez com que compreendesse o ódio que, involuntariamente, lhes depositara no coração. De pronto, com a alma cheia de dor, pegou seu cajado para destruir aquilo que ele mais amava e levantou-o sobre as cabeças das indefesas ovelhinhas. Mas não chegou a golpear: não tinha forças para tanto. O máximo que pôde fazer foi perdoar. Mas nunca mais foi perdoado por elas.

29.09.59.

#### CLARINADA

Levantei-me e apaguei a luz:  
já não importava estar desperto  
e comecei a ansiar pelo nada absoluto.

Mas a claridade do dia deteve-se perto de mim  
e eu precisei deixar de sonhar  
e integrei-me consubstancialmente no todo.

Entretanto, o eu anterior permaneceu imanente  
e o que veio depois apenas acrescentou-se-lhe,  
como se o ser e o não ser fossem uma só essência.

Agora, tenho a impressão global do universo,  
sou um plácido angustiado, um alegre infeliz,  
e sou um só sem saber suficientemente a disposição dos seres.

Amanhã, lançarei as bases da verdade última.  
Hoje, procurarei apenas esquecer que existo.

22.10.59

#### HORIZONTE

O barro seco e duro rasgava as carnes de meus pés  
e meu sangue deixava um rastro vermelho perdido na distância.  
E eu caminhava.

De meu pescoço escorriam gotas quentes de suor  
e minhas fontes latejavam com o calor do Sol todo brilho.  
E eu caminhava.

Diante de mim, a imensidão deserta da vida sem limites.  
Atrás, apenas o espaço cheio de poeira e de desconhecido.  
E eu caminhava.

Vultos ao longe, meus semelhantes, mostravam-se apenas silhuetas  
e o silêncio pesado de tudo oprimia minh'alma.

Eu precisava caminhar mais e mais.

A dor de meus pés dilacerados turbava-me a vista  
e o mundo bailava em meu redor.

Gritei.

O som rouco de minha garganta seca não produziu eco.

Apenas o desconsolo era meu companheiro.

E eu caminhava.

22.10.59.

#### CONVERSA

Gozado como não tenho vontade de escrever!

Sinto-me aéreo e a solução é deixar-me levar.

Diante de mim, surgiu o deserto de um espaço infinito, apesar da agitação e entrecruzar de pensamentos.

Queria dizer quão pequeno sou diante da grandiosidade do todo e de suas coisas e como não atinjo a significação de quase tudo!

Além disso, penso em tipos de poesia e em sinceridade existencial.

Há, ainda, o valor de estar presente e de sua forma.

Acima de tudo, está a busca da Verdade.

Depois, vêm os problemas pequenos: o que fazer no dia de amanhã, na semana que vem...

Enquadrando tudo, o momento presente joga-me de encontro à parede.

25-26.10.59.

#### AINDA

Eu volto,  
egoisticamente,  
como algo que não quer ser aquilo que é por força.

Os centros neurais me empurram para fora  
e eu fico fora,  
do lado de fora,  
eternamente,  
sobrepondo minha inépcia do mundo a mim mesmo por dentro.

A análise dos elementos internos foi feita  
e agora é sofrê-la e a eles.

Na parede havia uma porta:  
eu é que não coube abri-la!  
30.11.59.

#### CAMADAS

Psicografia.  
Erro:  
jamais tudo poderá ser nada,  
pela razão de que tudo está em mim  
e o nada também...  
São argumentos;  
não são realidade,

apesar de argumentos comprovados ou comprováveis.

Solicito a todos tudo, para que tudo tenha:

nada ninguém não me dará...

*Ainda uma vez adeus.*

Soluço incerto = interno.

Tristeza — realismo:

o caminho da naturalidade;

fuga do que não é;

arranjo sintomático de virtudes não adquiridas em si;

revoltear em torno de um centro não divisado,

se tudo pudesse acontecer rapidamente

e

certo,

como é certo aquilo em que creio no fundo.

Mas o que é fundo?

Somente um ser poderia resolver,

porque o ser é.

E eu?

Eu imito o ser.

Além de tudo o que pode revelar,

eu estou preso

e jamais alguém poderá fazer-me um libertado,

porque ninguém será capaz de me tornar um eu-não eu,

como é aquilo por dentro,

que eu imagino

e que não tem uma existência de acordo com a essência de si mesmo.

Antigamente, eu não era.

Mas procuro o outrora.

Agora renego-me.

Soluço.

Soluço.

Soluço.

Ânsia — renego.

Soluço.

Mamãe mandou Maria mastigar a manteiga

mas a manteiga não é mastigável e Maria não mastigou.

Choveu ontem sobre minha cabeça

e a água escorria por entre os cabelos e caía na face

e eu sentia o prazer de escorrer e cair.

Hoje, o sol queimou-me inteiro e eu sinto a dor.

Entretanto, fico eternamente rolando de lá para cá e de cá para lá, sem possibilidades.

Anacoreta do mundo,  
homem sem Deus,  
sem fé,  
sem religião.

Homem, como se fora possível sê-lo apenas assim.  
Armava-se um laço para que eu fosse apanhado  
mas eu não acreditei  
e não acredito  
e jamais poderei acreditar.

Se o mecanismo inconsciente resolvesse minha presença de maneira que eu  
pudesse compreender integralmente,  
se tudo pudesse ser revelado,  
se eu conseguisse a absorção da Verdade,

eu seria igual à existência,  
que é tão forte quanto Deus.

Somente a dor poderá resolver,  
porque ela não tem solução.

Ah! Se tudo pudesse ser alguma coisa,  
se tudo pudesse compreender em si uma verdade  
se tudo pudesse,  
mas nada pode,  
nada,  
nada.

Hoje — amanhã — sempre.  
O adiar constante das resoluções,  
o prolongar do sofrimento inconsciente,  
o não permitir a realização do meu eu,  
que quer tudo  
e que não encontra nada.

Corajosa é minha empreitada,  
vigoroso é meu físico espiritual

e onde está meu espírito espiritual?  
Onde?

Existe?  
Antes de eu vir para cá, era um pobre pastor.

Hoje sou...  
Mas que importância tem o que sou?  
Sou! E está acabado!  
O importante é ser  
e saber disso  
e saber que se é, simplesmente  
e saber que há possibilidade de ser.

Que capricho:  
em qualquer coisa,  
uma felicidade,  
um artigo indefinido.  
O quer que seja — não importa  
mas

ser,  
ser e realizar-se,  
realizar aquilo que for possível,  
mesmo apenas um escrito  
que se estende,  
mesmo uma impressão  
que se alonga,  
mesmo uma subjetividade  
que não se compreende.  
E depois?  
Depois é abandonar tudo o que se foi e o que se fez:  
depois é o depois.  
30.11.59.

#### AMOR DE MESTRE

Termina o ano.  
O mais feliz de minha vida;  
o primeiro que deixou lembranças indeléveis.

Foi neste ano que relacionei alunos.  
Foram tão intensos os amores que, dificilmente, eu não chorarei o futuro.  
Como eu gostaria de ter todos dentro de mim!  
E eu ser eles num mesmo ser,  
sentindo palpitar um mesmo coração.

Se eu fosse poeta para perpetuar meus sentimentos!  
Que pena!  
Quantas vezes eu chorei na possibilidade do futuro!

Quantas eu não virei a chorar!  
20.12.59.

#### PÁGINA

Era ele que estava ali.  
Na realidade, eu não sabia quem era ele,  
mas estava ali,  
visivelmente ali,  
iniludivelmente ali.  
E eu não pude fugir ao fato de ele estar ali.

Depois tudo passou.  
A Morte apagou tudo e ele permaneceu ali.

Chovia e a água escorria pela pia,  
o vento enrolava-se nos cachos de cabelo negro,  
os respingos assustavam-me, medroso,  
e tudo era alegria.

No fim, chegou o fim  
e eu não pude saber por quê.  
25.12.59.

#### PROFUNDIDADE

Eu quero a realidade,  
agora,  
aqui,  
sem mais nada dentro de mim...  
A realidade feita de sensações que se sucedem e são uma única...  
A realidade que é a minha transformação de energia em ser...  
A realidade vontade—conhecimento que eu arrasto para fora de mim...  
Eu não quero ser absoluto...  
Eu quero esquecer a existência...  
Eu quero apenas ser um sonho, não esta sucessão de cansaço e de vigor,  
que em traz a mim  
e que me faz querer compreender...

E, no entanto, eu tenho de ficar onde estou,  
sofrer o mundo que carrego  
e suportar todas as minhas visões!

23.01.60.

### ARMAÇÃO

Minh'alma é lava sem fumo e eu me perco na aparência,  
como tudo que necessita de profundidade.

Adeus para sempre:  
eu vou ficar.

26.01.60.

### CONTINUAÇÃO

No mar, não ruge mais forte tempestade;  
no céu, não ribomba trovão assim.  
Eu sinto,  
porque tudo em mim necessita ser esfacelado.  
A aurora do amor chegou e ficou  
mas a existência não compreende o amor  
e, se eu amo, estou também desesperado.

Nada se resolve,  
nada se define,  
só aquela sensação estranha que perdura,  
como se fosse existência em mim.  
Queria-me a mim forte para o mundo,  
levando comigo a arma da Verdade,  
mas tudo se me escapou.

Hoje, sou apenas um lamento que não chega sequer a ser profundo...  
É estranho este estado.  
Já sei que tudo será independentemente de minha vontade  
mas eu não poderei integrar-me no que será?

28.01.60.

### EXTÁTICO

Estendi a mão para a frente  
e vi o infinito;  
mas tudo se mostrava tão confuso  
que não compreendi aquilo que estava lá.

Depois, encolhi os dedos e o braço  
e olhei para a palma da minha mão;  
e me veio uma sensação de vida tão tênue  
que quase eu não percebi a mim mesmo.

E com a mesma mão cerrei os olhos  
e procurei ver minha consciência por dentro;  
mas trevas só estavam ali, tão densas  
que parecia não existir senão mundo e eu não.

Desci a mão pela face erguida, pousando-a no pescoço.  
Ergui para longe os olhos e o outro braço buscou algo na amplidão...  
Mas tudo permaneceu como estava tão o mesmo  
que o sono de existir me envolveu e me reconduziu.

31.01.60.

#### MATERIALIDADES

Por que ter esquemas na vida?  
Por que pensar para agir?  
Por que guardar o mundo no homem?

Eu quero ter na vida um fluxo contínuo,  
uma revelação de presenças a se estender!  
Depois virá a revelação final...

Ser agnóstico e esperar  
é ser diferente de mim...

Eu quero a ação pura!  
Eu quero sentir a energia transformando-se!

Ergo-me e fecho a porta:  
atrás dela ainda vive o homem.

02.02.60.

#### PARA LEMBRANÇA

E dizer que temos sangue e carne e osso  
e que isso tem uma forma  
e que essa forma é natural!

Não poderíamos ser apenas um ente puro,  
que vivesse num espaço sem tempo—espaço,  
num tempo sem espaço—tempo,  
integrando-se com outros entes nossos iguais?

Ter ideias, não realidades:  
eis o meu mal!

03.02.60.

### ASTROFÍSICA

Minha mão trêmula acariciava-lhe os seios pontudos e meu corpo contorcia-se, sentindo as pernas quentes e ávidas de mim. Depois fechei os olhos para guardar na memória o sorriso mais lindo de minha vida.

Quando acordei, o sol passava pelas cortinas e vinha beijar um corpo moreno de mulher jovem, todo nu sobre a brancura do linho.

Os seios arfavam, as pernas roliças voltadas para cima, a cintura fina e os quadris largos eram a minha felicidade.

Um cachinho negro manchava o travesseiro.

Levantei-me e não olhei mais; fechei a janela, procurei recordar a existência...

E somente trevas envolveram meu ser.

01.03.60.

### MÁRMORE

Somei as recordações e vi que o resultado era por demais insignificante.

Solucei pouco na vida.

Amei menos ainda.

Sofri um quase nada.

Conheci apenas um átomo do todo...

Agora, vejo que a vida é menos do que eu sei

e, num só instante,

soluço, amo, sofro e conheço

mais que o antes.

01.03.60.

### PUERÍCIA

Sagrado dia de carnaval,

risonha aurora da vida:  
pobreza,  
riqueza,  
resumo das coisas que são.  
Vilancete,  
ramalhete,  
pierrete,  
sofisma abalado pelo sopro do amor,  
costume oriental de saber profundamente.  
O baliza ama a porta-estandarte que é amante do passista primeiro.  
É a longa caminhada para o Bem,  
é a vingança da Existência,  
é a Dor que se une ao Amor,  
é o Todo,  
é o Ser.  
01.03.60.

#### PARTIDA

F i i u u u u u u u u u u u u  
Chuc chuc chuc chuc chuc chuc chuc  
Tratrão tratrão tratrão tratrão tratrão

Sou eu que me vou  
para longe,  
porque me vou.  
É a saudade que chega; é a revelação do amor.  
Um dia qualquer, meu trem chega à estação final da vida...  
E depois?  
Sentirei saudade? Continuarei meu amor?

...tu ru tu ru...  
01.03.60.

#### SUPOSIÇÃO

Socorro meu Deus!  
**Meu Deus.**  
Representação do incógnito que tenho em mim.  
Solução dos problemas que eu proponho.  
Análise e Síntese universais.  
Caminho mais seguro para o além.

Conformidade e sincronismo.  
Realidade e realização.  
Conhecimento e Verdade.  
Contrariedade e dúvida.

01.03.60.

### SOU FELIZ

Ser um estado completo e sentir que se é  
é chupar a largos goles a felicidade.

Depois esquecer o que está atrás e o que será na frente.  
Verificar o poder de emancipação e deixar-se magnetizar pelo que é em  
transformação.

Lembrar de olhos e sorrisos e saber que existem.  
Iludir-se e adormecer.

03.04.60.

### PERDÃO

O pó suave da estrada caminhada...  
A luz branca e fosca...  
O silêncio eterno do bem...  
A vibração quente do amor em tudo...  
A doce ansiedade do amanhã...  
A lembrança do presente e das presenças...  
O sublime estado corpóreo-imaterializado...  
A crença sem dúvidas, sem esperanças...  
O amanhecer contínuo das coisas em mim...  
A segurança da paz final...

04.04.60.

### SOSSEGADO

Poderia dizer que vou partir,  
que vou procurar.

No entanto, a rosa pende em seu galho voltada para a umidade do chão  
e a brisa é calma e iluminada.

Amanhã, talvez haja a resolução natural das coisas,  
mas, agora, eu fico no ar, suspenso em mim mesmo.

Achei-me de repente dentro de mim  
e não sei como foi suceder isso.

Haverá o depois do ser que sou  
para que haja compreensão.

Agora estou dependurado pela gola num cabide  
e minhas pernas se debatem no vácuo.

11.04.60.

#### METADE

Coragem para a luta!  
Vamos, homem, enfrenta a luz!  
Sê forte!  
Sê feliz!

E depois vá às favas!  
Por que tudo terá sempre de ser assim?  
Eu jamais soube responder.  
Mas o sobrevir das coisas é certo.  
Só isso eu sei.

*Agora é aguentar  
ou reagir,*  
MAS SEMPRE SOFRENDO.

14.04.60.

#### OUTRA METADE

O sino toca a redenção alegremente  
e eu já morto para as coisas...

Que tristeza sem fim!  
Tal como a canção.  
Depois é o mais.  
Corri as passadas dos outros  
e fiquei assim.

Fui de encontro ao que tenho por dentro  
e ali se erguia um muro de concreto.

Fui a coração e o encontrei deserto  
mas vivo.

E foi meu coração que vibrou a sonoridade de meu ser!  
14.04.60.

#### HUMANISMO

Eu sempre ilumino o rosto para ver o mundo  
e a própria suavidade diáfana me envolve,  
tornando-me a esperança, o amor e a vida.  
Eu sou um ser que se integrou a si mesmo.

Depois, o pressentimento da realidade exterior,  
o movimento ininterrupto na realização do todo,  
a incerteza do *mónos* e a dubiedade do Universo.  
Porem, habita-me a certeza absoluta da Existência.

E Deus é prescindido e Deus está presente,  
a consciência foge para a amplidão do mistério  
e a busca das Verdades finais se decompõe.

A paz e a felicidade voltam para mim,  
apenas, e eu sou a confiança tranquilizadora,  
a concentração existencial da eternidade.

15.04.60.

#### DIA DE ANIVERSÁRIO

Estava morto e ressuscitei...  
Na mais profunda escuridão do abismo, ouvi o som longínquo de vozes amigas.  
Uma luz, branca como a pureza, veio aos poucos e fez-se dia.  
A luminosa transparência do amor me envolveu e me arrebatou.  
Agora tudo volta ao que antes era — há apenas uma cicatriz a mais.  
Mas há também a certeza da concretização de algo bom.

Paz a minh'alma!

24.04.60.

#### INDECISÃO

Será agora, ou não será mais.  
Terei forças para enfrentar a desonra?  
Chegarei a tempo para partir?  
Estarei arruinado ou poderei comprar o mundo?

Se eu pudesse realizar tudo o que quero...

Amanhã talvez eu chegue ao fim,  
talvez continue...  
Não sei...

Que serei depois?  
Que serei enquanto?  
Que sou agora?  
Que fui sempre?

Tarde demais — aceitei a luta — não posso recuar  
nem fazer com que recuem.

Mas posso aceitar o remorso de ter aceito.  
02.05.60.

#### DESESPERO DO AMOR

Eu estava só, ao pé do regato murmurante  
e lembrava-me dos tempos felizes vividos.  
Depois vi a água a correr, a correr...  
E senti o passar contínuo de mim.

Olhei para o azul do céu mais que puro  
e notei a fixidez momentânea da atmosfera.  
Fechei os olhos para ver o de dentro em mim  
e reconheci sem sentir a felicidade mortal.

Um tiro deve ter ecoado pelo espaço ao redor  
e eu me vi lançado sobre a terra fria.  
Era a liberdade final das coisas transitórias.

Mas de nada valeu a busca do sem fim  
e eu continuei a amar profundamente tudo,  
mais ainda, porque tudo estava em mim.  
06.05.60.

## INTROJECÇÃO

Rir — o homem viu o rir  
e sonhou em si a alegria;  
depois jamais foi infeliz.

Desaparecer — eu sou desaparecido  
no mundo seco em riso;  
entretanto, o todo realizou-se apesar.

Levantar — a barreira de aço branco  
sem ferimento me vi atrás,  
conhecendo a potência em menor.

Desfazer — o inferno em chamas  
e o diabo sem gozo a queimar-se;  
loucura — brasão meu por cima.

Invisível — realidade interior abalada;  
corda comprida que desce do nada:  
balanço imperceptível, porém.

Ninguém — risco extemporâneo,  
soar de todas as campainhas;  
pó do pó da estrada ida.

Fé — concretizar experiências em Deus;  
especificar a realidade em si.  
Passar para sobre do tudo havendo.  
06.05.60.

## RECONHECIMENTO

Insisto em que estou louco.  
O final melodramático do tema da vida o diz.

E dizer que eu também estou estando.

E que me acho achando.

E que me vejo vendo e amando.

Realizar-me em mim uma realização já feita.

Sonhar ser para conhecer quando é conhecer o que ser.

Mas sonhar é bom.

Sonhar é fugir, é perder-se e deixar passar.

O problema é que o sonho é inconsciente  
e eu estou sempre dormindo.

06.05.60.

#### ESCATOLOGIA

Inspirar-me com força  
e encher-me de existência;  
depois crer nisto e satisfazer-me.

Deixar de lado a carreira encetada  
e mergulhar na lama do mundo;  
depois crer nisto e satisfazer-me.

Crer no todo,  
no universo,  
no deus dos homens,  
no existir em continuidade.

Crer na crença,  
na fé,  
na bondade,  
na realização moral.

Satisfazer-se e morrer em continuidade.

06.05.60.

#### CAMPO PSÍQUICO EM VERDE

Voltei.

Volta. Voltar.

Voltejar.

Volutejar. Volátil.

Vivo como a Vida.

Deslumbramento — Refletir,  
reflexão,  
reflexionar,  
reflexo.

Vida — reflexo.

Aspirar.  
Aspiração.  
Aspirante.

Vida — reflexo — aspirante.

Realizar,  
Realidade.  
Realizo.

Vida — reflexo — aspirante — realizo — volátil.

*Eu sou aquela que realiza um reflexo da vida, aspirando a vida em si, tendo-a volátil em mim.*

Esfôrço — esforço.

Refôrço — reforço.

Anátema.

Sina.

Realidade casual determinista.  
06.05.60.

#### MOMENTÂNEO

E dizer que o agora é o agora  
e que o amanhã é o amanhã

e que existe a existência

e que existo em existência.

Realização interior provinda da exterior.

Sonhos dourados meus de antanho,  
de agora,  
de sempre.

E saber que se devem saber transitoriedades  
e saber que são transitoriedades.

Amar em amor:  
eis tudo;  
e admitir.

09.05.60.

#### GEOMETRIA ANALÍTICA EM RÉ BEMOL

Caminheiro de estradas sem fim,  
rotina em volta dos meus passos,  
sempre para frente.

Análise concretista do que é meu por dentro,  
subida incessante do que é por mim,  
sempre para cima.

Fuga da compreensão casualista,  
irmandade em redor da vida,  
aspiração em realidade.

Suborno intelectual mecanizado,  
subalternidade intrínseca,  
angústia de saber-se como se é.

13.05.60.

#### NO LIMIAR DA PERDIÇÃO MORAL

Se eu não fosse casto e puro,  
o que seria da sociedade?

E, no entanto, é uma luta contínua  
que se estende,  
que me devora,  
que já me deixa pressentir a derrota,  
pois revolto-me contra o que é,



Saber que é oculto é crer no oculto;  
é já saber.

Pior ainda é dizer: “Tudo é oculto?  
Tudo é revelado?  
Não sei! Jamais poderei saber,  
sem ao menos nisto poder crer!”  
25-26.05.60

#### ANALISANDO PESSOA POR FORA

Inventar tristezas?  
Por quê?  
Eu prefiro viver alegrias,  
mesmo falsas — sem saber;  
mesmo falsas — sabendo.  
E assim serão sempre verdadeiras.  
26.05.60.

#### PROPOSITURA

Ter capacidade de falar  
mesmo o que não é nosso por dentro;  
inventar — parodiar — que longo mistério a se estender!

E Sócrates a falar — a compreender — a organizar — a fixar...

Entretanto, o que não é raciocínio em nós jamais será preso sob a razão,  
por não ser razão.

E eu a divagar, a querer, a aspirar, a ansiar...

Sócrates — a firmar-se.  
Eu — a perder-me — “braços longamente abertos” de estupefação.

Ainda bem que existe estupefação.  
26.05.60.

#### Ó MORTE!

Tenho sempre vivido fora de mim,

para o mundo ou em sua intenção,  
procurando, em cada canto, um coração,  
p'ra desabrochar em flores noutra jardim.

E assim vou vivendo em Dom de esquecimento  
de tudo o que há em meu jardim,  
cujas flores estão murchas, pois só há capim,  
sem saber que perderei tudo num momento.

Poderei, depois, achar perdão  
para um ingrato coração  
que não sabe cuidar de si?

Terei eu força suficiente  
para ficar inconsciente,  
quando for chamado por ti?  
26.05.60.

#### NOVOS TERCETOS

Qualquer dia eu ainda quebrarei o mundo:  
simplesmente deixarei cair ao chão,  
assim como faz minha empregadinha com os copos.

Realizarei então o desbaratamento total de mim  
e espalharei os meus sonhos pelo céu, como as nuvens,  
para que o vento os leve embora.

Terei mesmo de ter uma carreira, um ideal?  
Deverei cumprir cegamente um livre-arbítrio?  
Seria melhor que eu rompesse com tudo...

Agora estou sem saber como agir e sem esperança:  
amanhã vou tentar continuar.  
Agora apenas vou esquecer no inconsciente que existo.  
17.06.60.

#### INSTANTÂNEO

Amanhã vou correr e terminar minha tensão nervosa.  
Agora apenas paio levado pela brisa.  
18.06.60.

## EU-NÃO O-EU QUE DESEJO

Suguei até o fim o amor  
e me abandonei.

Agora não sei o que fazer...

Não sei  
e não adianta revoltar-me.

Não sei,  
simplesmente, porque não sei.  
05.07.60.

## AMARGURA DE SER AMADO

Depois será a caminhada distante;  
depois virá a decisão final;  
agora sou apenas dor e assim permaneço,  
longo, lento, desesperado.

Querida minha que não me ouves,  
vem a mim, que te quero,  
e arranca de mim este amor  
e, com ele, meu sofrimento.

Amanhã vou ter outros instantes  
de prazer e de melancolia.  
Agora, porém, só tenho em mim incertezas.

Querida, quem és tu?  
és...  
és...  
ou não és ninguém?

Acorda, carneirinho imaculado;  
vem beijar a face minha,  
suspirar os meus soluços;  
vem dizer ao meu carinho  
que a ninguém ele pertence.

Vem, carneirinho bonito,  
soluçar as minhas mágoas,  
num canto triste de dor,  
sofrer todas as dores minhas.

Vem, carneirinho branco,  
de brancura imaculada,  
vem para junto de mim;  
vem rezar para o meu deus;  
vem pedir, em doce prece,  
que eu não seja mais eu.

Morena e loira — amantes —,  
que fizestes de mia vida?  
Onde pusestes meu coração?

Vem, carneirinho bonito,  
sofrer a dor que não sofro;  
vem trazer-me as saudades  
de um tempo que não passou.

Vem, carneirinho; vem, carneirinho; vem, carneirinho...  
05.07.60.

#### CONFORMIDADE

O que passa em mim?  
Não sei.  
Só sei que sou amado  
e quis amar outrora.  
Agora já a mim não sinto  
e não sei para onde caminho.

A estrada está bloqueada  
e eu preciso caminhar.

Talvez se eu fugisse...  
É o que vou fazer!  
05.07.60.

#### FUGIR É VOLTAR

Deus — existes ainda?  
Que problema esquisito...

Deus — serás um problema?  
Falo tanto de ti,  
discuto tanto tua presença,  
amo tanto tua realidade em imaginação  
que, sem ti, não sei o que seria...

Deus — materialidade pura,  
Deus — supérfluo deste instante em mim por dentro,  
Deus — ramificação para o além...

Que fora de mim se não houvera a ideia da possibilidade de tua existência?  
05.07.60.

#### IDEIA

Se eu ficasse...  
não haveria problemas: eu não iria para lugar nenhum.

Mas devo partir para fugir

sempre e sempre.  
05.07.60.

#### ANÁLOGO

Certa vez, uma estrelinha brilhante e amarela, querendo mostrar a todos sua beleza, deslizou do céu e sentiu nas almas dos homens a efêmera vida da admiração. Depois não soube mais se foi feliz nem se realizara o que lhe pedira a Verdade, mas a inconsciência universal a banhou de sono eterno.

05.07.60.

#### INSPIRADO

Estou atento ao perpassar existencial:  
vejo tudo claro e iluminado,  
agora.

Sou como pássaro cantor

e a alegria está comigo,  
agora.

Sinto leveza e transparência,  
e suavidade e perdão,  
agora.

Esqueci o passado e o futuro:  
lembro-me apenas do presente,  
agora.

Desejo apenas o bem e o amor,  
e um eterno agora a se perder,  
agora.

14.07.60.

#### DESESPERANÇA DE PODER

Agora — quando estou longe de tudo,  
juntinho a mim mesmo,  
existindo apenas em mim mesmo,  
agora vou pensar em viver,  
agora vou lembrar o que fui,  
agora vou verificar o que sou.

Nasci de meus pais e por eles vivi,  
e assim fui durante anos e anos.  
Depois, por instantes, afastei-me.  
Agora volto para eles sem senti-los,  
pois agora não sou mais puro.

Haverá depois uma extensão de mim;  
agora, porém, flutuo, apenas.

Quisera sacrificar-me para ser feliz,  
mas não sei.

Sei apenas pensar no futuro,  
sem lembrar-me de que o futuro é um presente  
que adiei.

Agora, juntinho a mim, vivo,  
assim como um canto que não é ouvido pelo ente amado,  
assim como uma flor que não é vista por ninguém;

vivo — sol iluminando o nada,  
terra sem habitantes.

Já não sei sequer revoltar-me  
nem esperar  
nem realizar-me  
nem querer;

restou em mim apenas o sofrer:

sofrimento sem lágrimas,  
sofrimento sem dor,  
sofrimento das coisas abandonadas,  
sofrimento das coisas mortas,  
sofrimento sem sofrimento.

15.07.60.

#### DEPOSITÁRIO

Beijei você,  
amei você,  
perdi você;  
depois tudo passou e eu continuei em mim  
como se devesse ser assim.

Sofri então e agora  
porque você está em mim por dentro  
e eu sinto um amor profundo por você.

Há apenas uma dúvida: quem é você?  
15.07.60.

#### AMBICIOSO

Que faço atualmente?  
Deixo a vida passar...  
perder-se...  
acabar...

Que gostaria de fazer?  
Gostaria de gozar tudo: mulheres...

fama...  
conforto...  
sabedoria...  
genialidade...

Que é preciso para isso?

É preciso querer...

lutar...  
sacrificar-se...  
iludir-se...  
amar...

15.07.60.

#### VIDA DE HOJE

O que escrever agora?

Nada há senão o que se repete.

Sei que sou amado, mas não sei se amo,  
e se amo, não sei a quem...

Será triste?

Não estou triste, mas apreensivo.

Também estou saudoso  
e cansado da vida que levo.

Já não sei pensar ou sentir a realidade  
nem sei compreender-me em existência...

Apenas sei sonhar.

Já não trabalho e tudo está por ser feito  
e não sei preocupar-me em atividade.

Poderia dizer que a máquina parou  
e que há pedidos.

Se ao menos houvesse possibilidades outras...

18.07.60.

#### ASSIM É

Sonho de antigamente,  
sonho vão e inútil,  
sonho muitas vezes sonhado,  
sonho jamais vivido...

Regresso improficuo às coisas tristes,  
regresso a mim mesmo,  
regresso necessário...

Antes nada era,  
depois fui,  
agora continuo.  
Amanhã, que serei?

Sombra de sombra alongada,  
resto de sombra sonhada,  
quase nada,  
nada...

Amanhã, voltará ao que antes era...  
26.07.60.

#### ENCONTRADO SEM TÍTULO

Regresso a mim — contínuo — longo.  
Regresso para sempre.

Amar em contraposição.  
Amar.

Depois saber enfrentar a falta de amor em tudo,  
dizendo que tudo é amor.

#### TUDO É AMOR

Amor espalhado pela areia da praia.  
Amor derramado pelas águas do mar.  
Amor espargido pelas estrelas do céu.  
Amor polvilhado pelas gotículas de luz.  
Amor semeado pelas pedras da terra.  
Amor esparramado pelas matas da superfície.  
Amor calcado pelas profundezas dos seres.  
Amor em tudo e em mim.

Apenas Amor.

Amor — vida.

Amor — ilusão.  
Amor — realidade.  
Amor — existência.  
Amor — eternidade.  
Amor — Deus.  
Amor — Amor.

Despedida de tudo;  
término no fim das coisas.

Sopra frio em tudo,  
sopra com Amor.  
Amor em saudade.  
Saudade em Amor.

Não quero o Amor,  
porque não quero o sofrimento que ele traz,  
porque não quero ser infeliz.

E, apesar de tudo, ter de amar...  
01.09.60.

### SOLIDÃO

Odeio-te, Solidão, minha companheira.  
Odeio-te porque amo a alguém  
e tu, Solidão, fazes-me sofrer.  
Antigamente, eu gostava de estar contigo,  
de conversar sobre a existência e Deus.  
Agora, Solidão, só me interessa o mundo,  
com toda a sua imperfeição.  
Sabes por quê? Porque eu sou um nada,  
menor ainda que o simples desejo de ser.  
Ó Solidão, por que tu és tão egoísta  
e me queres só para ti?  
Não sabes, Solidão, que há alguém que me espera,  
alguém que é pura e boa,  
alguém que me espera para ser feliz?  
Solidão, que desejo imenso de dizer-te adeus!  
10.10.60.

### ANGUSTIADO

Se causei mal a alguém, desculpem-me:  
eu não fiz com intenção.

Se alguém sofre ao pensar em mim,  
desculpe-me, desculpe-me.

Se alguém ler isto,  
perdoe-me,  
pois a maldade que espalhei foi involuntária.

Se alguém ler isto,  
reze por mim,  
que não tenho coragem.

Se alguém ler isto,  
saiba que tentei ser puro, honesto, bom, justo, sensato, íntegro, comedido e  
ausiliador.

com sinceridade.

08.12.60.

#### DESPRENDIMENTO

Há ainda perfume no ar...

há pureza...

amor...

poesia...

Há ainda um sabor de encantamento em tudo,

apesar da minha tristeza...

de minha dor...

minha angústia...

Há uma felicidade não sentida por mim...

percebida em intelecto...

repudiada por meu sofrimento...

Há Deus atrás de tudo — eu sei...

Deus compreensão e carinho...

nem, que seja apenas um desejo meu...

Há uma vida perfeita — uma existência em bondade...

somente eu não vivo, não existo assim...

mas não é outro meu ideal, minha aspiração...

Há uma tentativa dolorosa de prazer...

09.12.60.

#### INTERROMPIDO

Amanhã, sim, amanhã  
será o dia das resoluções.  
Amanhã, apenas amanhã.

Hoje, há uma indecisão em tudo,  
mas, amanhã, haverá certeza.

Uma dor extensa percorre a vida,  
acompanhando...

12.12.60.

#### INSATISFAÇÃO

Era um pássaro,  
nada mais;  
e o pássaro voava, voava...

Um dia o pássaro não voou.  
Por quê?  
Morreu.

Os pássaros voam e morrem.  
Por quê?  
Porque é assim, simplesmente...

Mas há outros pássaros que voam ainda  
e outros que virão a voar,  
e outros que virão a haver.

Como eu gostaria de ser um pássaro a voar, a voar...  
e não ser esta coisa monstruosa e amorfa  
que é carregada por mim,  
este ser aleijado que quer tudo mas nada consegue.

E, no entanto, há pássaros que voam, voam.

15.12.60.

## BARCAROLA

Navega um barquinho branco no verde imenso;  
carrega o barquinho um ser quase inconsciente.  
Para onde vai o barquinho que pula, pula?  
Quem é esse alguém que dorme placidamente?

Lá vai o barquinho ao longe sossegado  
e o homem dentro dele, no fundo.

Vai barquinho, vai... Cumpre teu destino:  
leva contigo quem não sabe apreciar o mar,  
quem não quer ver o azul profundo  
nem ouvir o rumor vago e distante.

Ó barquinho da vida, quie bom é navegar!  
É pena que apenas se sabe isto,  
e tudo passa longe de mim!  
15.12.60.

## SENTINELA

Uma preguiça enorme entra em mim  
e me faz esquecer.

Tudo está morno  
e em tudo um presságio de tempestade.

Desperto apenas para saber que continuo em sono  
e que a vida corre pelas linhas paralelamente cruzadas.

Um som de pandeiro que não ouço enche-me a vida  
e o zumbido rápido das coisas passa por mim.

Falta agora gozar o ser que tenho  
e ir apresentar-me depois àquilo que é.

Falta um adeus?

Adeus!  
15.12.60.